HISTORIA

DA

PENÍNSULA IBÉRICA

DURANTE O PERÍODO VISIGÓTHICO

POR

H. BRUNSWICK

COIMBRA

FRANÇA AMADO — EDITOR

1907

HISTORIA

DA

PENÍNSULA IBÉRICA

HISTORIA

DA

PENÍNSULA IBÉRICA

DURANTE O PERÍODO VISIGÓTHICO

POR

H. BRUNSWICK

COIMBRA

F. FRANÇA AMADO — EDITOR

1907

INTRODUCÇÃO

A Hesperia, a *Occidental* dos gregos, denominada Hispania pelos romanos, está unida ao continente europeu pelos não muito franqueáveis montes Pyrenéus, circumstancia que, nos primitivos tempos, a manteria ao abrigo das incursões dos habitadores das regiões situadas além de aquellas montanhas. Não obstante, está demonstrado que nos tempos prehistóricos a Peninsula já tinha habitantes; quais fôssem ou a que raça pertencessem é o que se ignora, pois de elles só restam monumentos megalíthicos que, como se sabe, foram communs a todas as raças primitivas.

Pretende-se que os *íberos,* povo asiático, vieram estabelecer-se nas costas orientais da Hesperia, alastrando de lá para o interior e por todo o littoral; que, depois, transpondo

os Pyrenéus, vieram os *celtas,* os quaes occuparam principalmente as costas do norte e do nordeste da Península; que da juncção de estes dois povos tomaram nome os *celtíberos,* e que ao fazer-se essa juncção já havia colonias phenicias nas costas dos dois mares que nos banham. Essas colonias teriam sido attraídas pelas riquezas peninsulares: gados, lãs, fructos, ouro e outros metais, particularmente mercurio. Povoações havia que já eram nomeadas pelas suas industrias ou riquezas naturais: *Setablis* (S. Filippe de Játiva), pelo linho; *Bilbilis* (Bilbau), pelo aço; *Cetobriga* (Almadén) pelo mercurio, sobresaíam entre ellas.

Ao norte do Ebro tambem se estabeleceram colonias gregas; Rosas, célebre pelo seu porto, deve a sua fundação aos phóceos. E' possivel que Sagunto, ainda que situada ao sul do Ebro, não tenha tido outra origem.

No último quartel do século III antes de Christo, os phenicios, atacados por todos os outros povos da Hesperia, chamaram os carthaginezes em seu soccorro. Estes vieram defendê-los, mas, depois de terem vencido a quasi todos os aborígenes, senhorearam-se da

Península e nella se fixaram. *Cartagena,* na costa do Mediterraneo, deve-lhes o nome e a fundação.

Durante as guerras púnicas foi a Hispania entrada e occupada pelos romanos, que, para a governarem, a dividiram em duas provincias: a *Tarraconense* ao oriente, e a *Lusitania* ou *Bética* ao sudoeste; cada provincia tinha á sua frente um pretor.

Como os romanos considerassem a Espanha como uma mina que tratavam de explorar o mais possivel, foram sempre guerreados pelos povos que nella tinham submettido. De essa guerra de independencia são sobejamente conhecidos os nomes do chefe lusitano Viriato (assassinado no anno 140 A. C.) e o da cidade de Numancia, cujos últimos habitantes se mataram uns aos outros para não caír em poder dos sitiadores (anno 133 A. C.).

Esta situação prolongou-se durante mais de 500 annos. Neste longo período de tempo, os espanhoes ou celtíberos nunca se acostumaram ao jugo de Roma; antes, pelo contrario, empregaram todos os meios para o contrariar, posto que não o podiam sacudir.

O apparecimento dos visigodos na Península veio facilitar-lhes o meio de se libertarem.

Ás resumidas noções que precedem e com as quais se percorre o periodo comprehendido entre o principio dos tempos nebulosos da historia da nossa Península e a chegada dos godos, devemos accrescentar as linhas seguintes:

Auctores houve que pretenderam inculcar quais foram os fundadores de varias das nossas mais antigas povoações: assim é que se lê que Setubal deve a fundação nada menos do que a um neto de Noé, Tubal, filho de Japhet; que Lisboa foi fundada por Ulysses, o manhoso helleno que a antiga poesia grega ideou para personificar a prudencia astuciosa peculiar aos jonios; que a Corunha deve o sêr a Hercules, que nella descansou depois de fundar Gibraltár, etc. etc.

Sería infantil contradizer esses assertos, filhos da ociosa phantasia inspirada pelos claustros da edade média. Para comprovar que a Península foi habitada desde muito

cedo, temos outras provas, e essas irrefutáveis, avultando entre ellas, como a mais antiga, os restos humanos da edade média da época quaternaria, que se encontraram nas covas do Calpe e nas minas das Asturias, em Espanha, e entre nós nas grutas de Cesareda e no cabeço da Arruda. Determinar porém quais fossem esses primitivos habitadores e a que povo pertenciam, é que por agora é, e talvez o seja sempre, absolutamente impossivel fazer [1].

Do primeiro povo que na Peninsula teve um nome, dos *íberos,* é que talvez se possa conjecturar alguma cousa com acerto se, em vez de seguir o trilho marcado pela historia, preferirmos a crítica razoavel — que tambem é historia quando ella se exerce em épocas em que a historia propriamente dita não tem elementos para a contradizer.

Quem eram esses *íberos* que figuram entre os primeiros habitadores da Península, e

---

[1] A este respeito convém lêr « *Noticias acêrca das grutas de Cesareda* », por NERY DELGADO e sobretudo a *Introducção á archeologia da península ibérica,* por FIL. SIMÕES.

em que época poderemos fixar a sua vinda a ella?

Não é facil precisar a resposta, mas a conjectura mais provavel é que *íbero* fosse a designação commum dada aos *gregos,* que tinham fundado colonias ao norte da foz do Ebro, e aos *phenicios* que se tinham estabelecido pelo littoral, desde o Ebro até ao cabo de S. Vicente. O nome talvez lhes viesse do proprio rio *Ebro,* por este ser o único curso consideravel de agua que desagua entre os Pyrenéus e o estreito de Gibraltár, e conseguintemente o abrigo mais habitual que os navegadores de aquellas épocas acostumassem a demandar nas suas viagens á Península. Devemos aqui notar que *Iberos* foi o primitivo nome que o Ebro teve, sem que saibamos porém a que circumstancia o deveu.

Em quanto ás épocas da vinda dos gregos e dos phenicíos á Espanha, de nenhum modo podemos levar a primeira além da fundação de Marselha por aquelles, nem suppôr a segunda anterior á fundação de Carthago por estes, pois não é admissivel pretender que os Orientais se abalançassem a devassar o occidente

do Mediterraneo — já que para navegar não podiam distanciar-se das costas — sem deixar atrás de si portos seus em que refúgiar-se, se por qualquer contrariedade se vissem obrigados a retroceder.

O estabelecimento de estas duas colonias na Península não se distanciaria portanto cincoenta annos uma da outra, pois, segundo este systema, ambas datam do século sétimo antes da nossa era. Estabelecido este principio podemos dizer que o oriente da Península ibérica recebeu os seus primeiros habitadores históricos não antes do anno 600 A. C.

Passando agora do littoral do Mediterraneo ao littoral do mar Cantábrico e á região pyrenaica, como poderemos fixar a época em que os *celtas* expulsos ou afugentados da Gallia alli vieram estabelecer-se?

O único cálculo admissivel é o que não fixe a essa vinda uma data anterior á da presença dos *íberos* na Península, posto que, no século em que a determinamos, a estancia dos celtas na Bretanha é evidente.

Evidente é tambem que os celtas não se estabeleceram apenas na parte hoje denomi-

nada *Provincias vascongadas,* mas simultaneamente nas Asturias, na Galliza e em Portugal, como o prova bom número de monumentos que só a elles se podem attribuir.

Julgámos util expôr nesta Introducção as breves considerações que precedem, não só porque estabelecem doutrina nova sobre a origem dos *íberos,* mas tambem porque, que o saibamos, nada se tem escripto a este respeito entre nós.

SUMMARIO

A Península hispânica, habitada em quasi toda a sua extensão pelos *celtíberos,* e, na parte que, aquém dos Pyrenéus, fica mais próxima do oceano, pelos *celtas,* achava-se sob o dominio romano quando os bárbaros a invadiram e occuparam, ficando:

a ***Galliza*** em poder dos *suevos* e de uma pequena parte dos *vândalos,*

a ***Bética*** em poder dos *vândalos* e dos *silingos,*

a ***Lusitania*** e parte da ***provincia carthaginense*** em poder dos *alanos.*

No resto do territorio mantinham os *romanos* o seu dominio; eram porém mal vistos pelos *celtíberos* por causa das muitas exacções com que aquelles os vexavam, e tambem por não serem capazes de resistir ao ímpeto dos bárbaros, que os tinham afugentado das regiões já então invadidas.

O receio de serem sem defensa atacados por tais invasores e o desejo de melhorarem de sorte, induziram os *celtíberos* a chamar o rei Ataulpho em seu soccorro, pois notoria lhes era a doçura dos costumes dos *visigodos* estabelecidos na Gallia góthica. Ataulpho, passou então os Pyrenéus, expulsou os romanos da Catalunha, e annexou esta aos seus Estados.

Valia, mediato successor de Ataulpho, penetra pela provincia carthaginense; os *alanos* vèem-se obrigados a abandoná-la, e entregam-se aos *vândalos* da Galliza. Valia passa da Carthaginense á Bética, que tambem conquista, sem porém expulsar de ella os *vândalos* nem os *silingos.* Então os *vândalos* da Bética, sob o commando de Gunderico vão atacar

a Galliza, devastam-na e tiram de ella immenso despojo que transportam por mar nas proprias embarcações da região devastada. Depois de passarem o estreito de Gibraltár são arremessados ás Baleares, que saqueiam, vindo de lá a Carthagena que tomam e arruinam — facto que originou o engrandecimento de Toledo, pois que para esta cidade se transferiu a séde metropolitana de Carthagena, bem como todo o seu elemento official. Gunderico segue para a Bética, sobe o Guadalquivir e apossa-se de Sevilha, onde morre.

Genserico, um dos successores de Gunderico, leva os *vândalos* á Africa, e lá os estabelece.

Livres dos seus inimigos, os *suevos* da Galliza, cuja capital era Braga, invadem, sob a conducta de Richila, quasi toda a Península, e de ella se assenhoreiam; não podem, porém, entrar na Tarraconense onde imperam os *visigodos*. Pelo contrario, é o rei de estes, Theodorico, que consegue derrotar os *suevos* entrando pela Bética, que conquista. Transfere então a sua capital de Narbona para Barcelona, e funda definitivamente a monarchía visigóthica. A Galliza, porém, continua ainda independente, formando ora um só reino, ora dois, mas abrangendo desde o Mondego até ás Asturias.

No tempo de Eurico, rei visigodo, morto em 484, a Península, ainda não unificada, está assim dividida:

Visigodos	**Romanos**	**Suevos**
Estabelecidos na Catalunha, na Bética e numa parte da Lusitania.	Numa parte da Lusitania, na provincia Carthaginense, na Carpentania (Toledo), e na Vasconia (celtas), regiões que continuavam sob o dominio do imperio do Oriente.	Occupavam as Asturias, a região de entre Minho e Douro (Galliza) e a maior parte da Lusitania.

Leovigildo, reunindo os *suevos* á monarchia visigoda, já então engrandecida com quasi todos os territorios em que os

romanos se tinham conservado, estabelece a sua capital em Toledo.

Recaredo consegue subjugar os *celtas* das Vascongadas, e, em 622, é dado a Suintila fazer desapparecer os últimos presidios que os *romanos* do Oriente ainda conservavam nas costas do Mediterraneo. A contar de esta época toda a Península faz parte do reino dos visigodos, cujo fastigio de grandeza é attingido por Vamba. Desde 680, ou seja desde pouco depois da morte de este rei, o ocio dos monarchas inicía um periodo de decadencia progressiva que tem por desfecho a fatal batalha do Guadalete (anno de 711).

HISTORIA

DA

PENÍNSULA IBÉRICA

CAPÍTULO I

PRIMEIRO ESTABELECIMENTO DOS VISIGODOS NA PENÍNSULA

Ao terminar o terceiro quartél do século IV da era de Cesar, os godos estavam divididos em duas nações, ambas de chefatura electiva, sendo porém costume que os votos, numa e noutra de essas nações, recaíssem sempre nos membros de determinada familia, da qual nunca saía o poder.

De essas nações, ambas féras e indómitas, uma, a dos *vespergodos* ou *visigodos,* elegía os seus chefes na familia dos Balthos, ao passo

2

que a outra, a dos *austrogodos* ou *ostrogodos* os elegía na familia dos Amalos [1].

A missão especial de estes chefes ou reis consistía particularmente em organizar as expedições militares e conduzir os exércitos em campanha; só muito secundariamente é que se occupavam do governo propriamente dito, posto que estas nações regiam-se apenas pelo costume: nunca pela lei escripta, que consideravam deprimente para a sua indómita liberdade.

Vivendo em regiões de céo áspero e de terreno ingrato, é natural que estes povos procurassem estabelecer-se onde o sol mais os aquecesse e a terra melhor os alimentasse, pois no seu assento, situado quasi no norte da Europa, a inclemencia lhes era demasiado pesada. Assim é que, já muito antes da época inicial que acima deixamos apontada, os godos — que então ainda estavam unidos numa só nação — tinham feito varias excursões, percorrendo primeiramente a Vandalia [2], situada entre o Oder e o Vístula: a Scythia, até ás

---

[1] « In quibus duæ illustrissimæ familiæ semper continuatæ fuerunt, videlicet Amalorum apud Ostrogothos, et Balthorum apud Vestrogothos » (João Magno, *Goth. Hist.*, liv. III, cap. XXI).

[2] Jornandes, *De Rebus geticis*, cap. IV.

costas do Ponto Euxino (mar Negro); e por último a Thracia e a Macedonia até á Asia, deixando de essas excursões tal renome que nem Alexandre Magno se quiz aventurar com elles, nem Pyrrho se atreveu a atacá-los. Ao proprio Julio Cesar pareceu prudente não os irritar [1], e Augusto procurou por meios suaves e até pelos vínculos da alliança [2] que não lhe perturbassem a paz do imperio.

Se bem não tenhamos a menor possibilidade de determinar com qualquer aproximação a densidade da população góthica, não cabe a menor dúvida que ella fôsse muito consideravel: o rigor do clima, instigando ao coito; a robustez e sobriedade dos varões, e o seu instintivo horror pelo vicio contra natureza, eram factores que devíam contribuir poderosamente para que assim fôsse. Accrescía ainda a circumstancia de as mulheres dos godos acompanharem seus maridos á guerra, o que fazía com que a procreação nunca soffresse as interrupções inevitáveis se tal facto não se désse. Estas considerações levam-nos portanto a não taxar de exaggerado a Jornandes — que neste relato seguimos muito continuamente — por elle chamar aquelles

---

[1] Paulo Orosio, *Hist.*, liv. I, cap. XVI.

[2] João Magno, *Hist. Goth.*, liv. II, cap. XIX.

povos « officina de gentes » e « *útero* de nações »[1].

Obvio é, por consequencia, que o constante crescer de estes povos e a mesquinhez quasi intolerável das suas patrias os instigasse a procurar climas mais suaves e terrenos mais productivos que os proprios, afim de nelles se estabelecerem pelo direito da fôrça, e nelles viverem pela fôrça do direito que fôssem adquirindo — o que não lhes seria difficil de pretextar porque « eram subtís, prudentes e constantes, e mais dispostos a enganar que a serem enganados »[2].

Em busca, pois, de esses bens vieram os visigodos (talvez no anno 376), sob o commando do seu rei Atanarico, invadir o imperio romano quando nelle reinava o imperador Valente, o qual, inteiramente entregue ao ocio no meio das suas grandezas — já então bastante abaladas — não poude evitar, depois de muitos encontros em que nem sempre teve a melhor parte, de tratar com os invasores. Limitaram-se estes a pedir ao imperador que lhes marcasse provincias onde se estabelecessem e vivessem como amigos e confederados de Roma, promettendo-lhe que

---

[1] JORNANDES, *De Rebus geticis.*

[2] SAAVEDRA FAXARDO, *Corona gótica,* cap. I.

abraçaríam o christianismo — que era já então a religião official do imperio — e que observaríam as prescripções romanas.

Considerando o imperador que, quando aquella gente se afizesse á benignidade do clima e ás delicias da abundancia, perdería o que nella havía de rude, e chegaría acaso a ser-lhe útil, concedeu-lhes a Mysia [1], na Asia Menor, onde se detiveram e abraçaram o christianismo da seita ariana. Nesta região, porém, não fizeram os visigodos assento prolongado, devido a que Máximo e Lupicino, capitães que tinham sido mandados por Valente para lhes repartirem as terras, procederam de modo tal que os bárbaros os mataram, e, depois de devastarem a provincia, passaram á Thracia [2], onde o proprio Valente os perseguiu e lhes morreu ás mãos numa batalha perto de Adrianópolis.

Tornados insolentes com este éxito os visigodos fizeram varias incursões pelo imperio, o que obrigou Graciano e Flavio-Valentiniano — os dois irmãos que a Valente succederam — a convidar Theodosio, que vivia retirado em Itálica, sua patria — logar próximo de Sevilha — para que, associado por elles ao imperio,

[1] Jornandes, *De Reb. goth.*, cap. xxv.
[2] Paulo Orosio, *Hist.*, liv. vii, cap. 33.

tomasse a seu cuidado o exterminio de aquella bárbara e temível gente.

Theodosio, general valente e político sagaz, venceu os visigodos, primeiro pelas armas, e depois pelos beneficios, dando-lhes terras para habitar. O rei Atanarico, rendido por esta liberalidade, foi a Constantinopla agradecer a Theodosio, mas, sobrevindo-lhe nesta cidade uma doença, lá morreu, sendo nella enterrado com grande pompa por ordem de Theodosio, ante cujo procedimento os visigodos acabaram de se render. Então, os visigodos, elegendo Alarico para rei, declararam-se amigos e confederados do imperio.

Querem alguns historiadores, e entre elles João Magno [1], que depois da morte de Atanarico, e emquanto Theodosio foi vivo, estivessem os visigodos sem rei, para assim testemunharem a sua fé no imperador. Seja como fôr, o caso é que depois da morte de Theodosio, Alarico tinha a chefatura do seu povo, e lhe serviu de guía nas contendas que de essa morte resultaram.

Vejamos, para a boa comprehensão dos successos que temos de relatar, quais as causas que originaram essas contendas.

---

[1] *Hist.*, liv. xv, cap. 4.

Theodosio tinha dividido o imperio entre seus filhos Arcadio e Honorio, cabendo áquelle Constantinopla, ou seja o imperio do Oriente, e a este Roma, tornada capital do imperio do Occidente. Como porém os dois herdeiros fôssem ainda de tenra edade, Theodosio nomeou-lhes trez tutores: Gildo para governar as provincias romanas da Africa; Rufino, as do Oriente, e Stilico as do Occidente [1].

Preferindo governar por conta propria que pela dos pupilos, Gildo e Rufino aspiraram ao poder; foram porém infelizes na empreza e nella perderam a vida. Stilico, cujo filho Eucherio tinha casado com Serena, sobrinha de Theodosio, julgando-se por esta affinidade com mais direito ao throno, mas escarmentado com o desastrado fim dos seus collegas, obrou com mais astucia, procurando perturbar em segredo o imperio, na esperança que Honorio o constituisse árbitro dos acontecimentos. Para levar o seu plano a bom termo, fomentou a tendencia que tinham os vândalos — dos quais descendía — para guerrear o

---

[1] « Theodosius moriens tribus ducibus Imperii gubernacula divisis terminis commendarat. Ruffinus oriundus ex Elisa oppido Britanniae Asiam, Egyptum, Orientem procurabat; Stilico Occidentem, et Urbem Romam in potestate habebat; Gildo Africam nomine Honorii tenebat ». João Avent, *Annal. Bojorum,* liv. II.

imperio, e deixou-os percorrer impunemente as margens do Rheno e entrar nas Gallias, assim como tambem deu azo a que os alanos e os suevos perturbassem o Occidente. Ao mesmo tempo, para que os visigodos se irritassem e se rebellassem, tirou-lhes, sob pretexto económico, o soldo que lhes davam os imperadores. Este acto sortiu-lhe o effeito desejado, pois as victimas da espoliação chamaram Radagaso, rei dos ostrogodos, em seu auxilio, e rebellaram-se pondo o imperio em perigo.

Stilico, que não tinha contado com os ostrogodos, e que receava não poder debellar tantos inimigos juntos, marchou ao encontro de Radagaso antes de este poder receber o reforço dos visigodos, e, esperando-o nos Apenninos, fez tantos e tantos prisioneiros que chegou a vendê-los a vinte por um ducado [1].

De alli foi Stilico sobre Ravenna, occupada por Alarico; mas, temendo que, desfeito aquelle inimigo, cessasse a guerra, e conseguintemente a necessidade que o imperador tinha dos seus serviços, necessidade em que fundava o éxito dos seus planos, contentou-se com infligir aos visigodos uma leve derrota, para permittir-lhes de poderem continuar a

---

[1] PAULO OROSIO, *Hist.*, liv. VII, cap. 37.

perturbar interiormente o imperio, mas só até ao ponto em que a elle, Stilico, conviesse. Alarico, conhecendo o artificio do general romano, aproveitou-o para insinuar-se no ânimo do imperador Honorio, a quem fez sciente dos manejos de Stilico. Em recompensa de tal revelação pediu-lhe que lhe concedesse a paz e o assento na Italia, garantindo-lhe que os visigodos, reconhecidos pelo beneficio, viviríam quietos e obedientes aos imperadores.

Ainda que indolente e descuidado, Honorio era bastante intelligente para comprehender que as perturbações que então havía na Italia eram, todas ellas, occasionadas pelos visigodos. Tratou, portanto, de promover-lhes a ruina, sem que porém elles o suspeitassem, pois na apparencia mostrou-se tão benigno e generoso para com elles, que não só lhes concedeu a paz, mas até cedeu a Alarico uma parte da Gallia meridional e a parte da Espanha que lhe fica confinante [1]. Tanta benignidade occultava porém a mais pérfida das machinações, porque, obrando assim, Honorio expunha os visigodos, que se achavam sem mais força que a propria, a serem exterminados pelos bárbaros alanos, vândalos

---

[1] Jornandes, *De Reb. jet.*, cap. xxx, e Paulo Diacono, *Hist. Miscell.*, liv. xiii.

e suevos, que naquella occasião percorriam confederados as Gallias, ou então, se de estes escapassem, a terem de se haver com Constantino, general romano que se tinha feito proclamar imperador na Inglaterra, e que muitos gaulezes e celtíberos tinham reconhecido na esperança de melhorarem de sorte.

De este plano, sábia e manhosamente combinado, ainda prevía Honorio a possibilidade de uma conflagração geral entre os bárbaros, os visigodos e o seu competidor Constantino, podendo resultar de ella que uns se exterminassem aos outros, ficando o imperio bastante forte para aniquilar sem difficuldade os poucos que de ella sobrevivessem.

Por outro lado considerou que lhe convinha disfarçar o desagrado em que Stilico lhe caíra, não só por causa do parentesco que entre ambos havía, mas tambem, e principalmente, por lhe parecer que não devía privar-se do único general com que podía contar para qualquer acontecimento inesperado. Neste intuito, e para o acirrar contra os visigodos, contou-lhe o que Alarico lhe revelara a seu respeito.

Entretanto, Alarico, fiado na fé jurada de confederado, dirigira-se immediatamente para a Gallia afim de entrar na posse dos territorios que nella lhe tinham sido cedidos — cessão

que constitue a orígem do reino visigodo e a formação da monarchia espanhola, da qual, mais tarde, devía originar-se a portugueza. O chefe bárbaro não tinha porém contado com a perfidia de Stilico, nem desconfiado das intenções de Honorio, os quais, talvez mancommunados, se entenderam para surprehender os visigodos na sua marcha, caíndo-lhes em cima quando mais embrenhados estivessem nos desfiladeiros dos Alpes; podendo tambem ser que o ataque fôsse só da iniciativa de Stilico, furioso contra Alarico por este lhe ter adivinhado as intenções, e havê-las revelado ao imperador, e por outro lado prevendo que, a escaparem os visigodos da sua investida, julgariam ter sido atraiçoados por Honorio, o que os levaría a retroceder, para guerrearem em Italia, dando assim occasião a que elle, Stilico, se conservasse no manejo das armas, e pudesse a todo o tempo levar avante as suas machinações.

Comtudo, partisse donde partisse, a traição executou-se quando os visigodos estavam celebrando a Paschoa no centro das montanhas. João Magno [1] refere que, surprehendidos, os visigodos pediram aos romanos que em attenção á solemnidade do dia suspendessem o

[1] *Hist.*, liv. XV, cap. 9.

ataque até á nova aurora, no que não foram atendidos. Furioso, Alarico reuniu á pressa a sua gente, carregou sobre os assaltantes e desbaratou-os.

Animado o chefe visigodo com esta victoria, por elle attribuída á protecção do Deus que elle e o seu povo adoravam desde havía algum tempo, retrocedeu pela Italia, e dando sobre Roma, sitiou-a.

Neste transe, Honorio, para mostrar-se de boa fé com Alarico, e tambem talvez, por se lhe tornar evidente o que Stilico tramava contra elle, mandou assassinar este general e seu filho Eucherio. Comtudo isto, porém, nem conseguiu justificar-se para com Alarico, nem tirar proveito da cólera, pois ficou privado do único general capaz de o defender contra os seus muitos inimigos.

Roma, sitiada e incapaz de defender-se, offereceu grandes sommas de prata e ouro para que os visigodos levantassem o cêrco; Alarico acabou por acceitar as propostas que lhe eram feitas; mas, como os romanos, apesar de derreterem as estatuas dos deuses que ainda conservavam, não chegassem a reunir o peso offerecido, o chefe visigodo apertou o cêrco de tal modo que a fome foi tão grande dentro da cidade que os habitantes chegaram a comer carne humana, e muitas

mães, no dizer de S. Jerónymo [1] « voltaram a seu ventre os filhos que nelle haviam concebido ».

Roma acabou por render-se (anno 410), e durante trez dias puderam os visigodos cevar-se nas suas riquezas, se bem é voz constante dos historiadores contemporâneos que, como christãos que eram, Alarico e os seus soldados respeitaram os templos e as vírgens.

Vendo-se mais uma vez victorioso, quiz Alarico levar as suas armas á Sicilia e á Africa; não podendo porém domar as ondas do mar tão facilmente como vencera os romanos, teve de desistir do intento, e, retrocedendo, morreu em Cosenza no anno 411.

---

[1] Epistola XVI.

CAPÍTULO II

REINADO DE ATAULFO, PRIMEIRO REI VISIGODO DAS ESPANHAS

Reunidos os principais de entre os visigodos depois que Alarico expirou, elegeram para chefe Ataulfo, irmão da mulher de Alarico, e próximo parente do defuncto [1].

Apenas eleito, Ataulfo casou com Galla Placidia, irmã do imperador Honorio, a qual, segundo parece, estava em poder de Alarico como refens [2]. Este casamento foi um acto político de Ataulfo, esperando entrar por elle nas boas graças do imperador; como porém esse resultado não se désse immediatamente, correu Ataulfo sobre Roma, e tanto a apertou [3], que era intenção sua, no dizer de alguns escriptores, destruí-la completamente

---

[1] Car. Sigonio, *De Occid. Imper.*, liv. I; João Isaac Pontano, *Rerum danicar. Hist.*, liv. II, e Rod. Toledano, *De Reb. Hispan.*, liv. II, cap. 6.

[2] Paulo Orosio, *Hist.*, liv. VII, cap. 40; Alphonsus, *Carth. Reg. Hispan. Anacephal.*, cap. X.

[3] J. Isaac Pontano, *Rer. danic. Hist.*, liv. II.

para sobre as suas ruínas edificar uma nova cidade a que daría o nome de Gothia — intentando assim destruir até a memoria dos romanos, e ser o fundador de um imperio da sua nação. Reconhecendo porém que tal imperio não se podería manter sem instituir a obediencia ás leis, obediencia a que nunca se prestaría a indómita altivez dos visigodos, pareceu-lhe ser gloria sua tornar-se auctor da conservação do imperio já existente — posto que o não podia ser da sua última ruína [1]. Nesta intenção determinou o chefe bárbaro vir tomar posse das Gallias e da Espanha cedidas ao seu predecessor. Renovaram-se, para mantê-los firmes durante a expedição, os tratados de confederação já existentes, reforçando-os com novas promessas de parte a parte; depois do que, emprehendeu Ataulfo a travessia dos Alpes com toda a sua familia e todo o seu povo.

Sigonio diz [2] que Honorio ficou contentíssimo ao ver-se livre dos visigodos, cuja partida celebrou com jogos públicos, e que, detrás de elles, mandou fortificar os passos estreitos dos Alpes para lhes impedir a volta,

---

[1] Paulo Orosio, *Hist.*, liv. vii, cap. 43; Flavio Blondi Forolinense, *Decad. Histor.*, Decada i, liv. i.

[2] *De Occid. imper.*, liv. xi.

no caso de elles terem de bater em retirada diante dos perigos que iam defrontar.

Sem esquecermos que nesta época o imperio tinha no Occidente um competidor em Constantino, o aventureiro de que já fizemos menção no capítulo precedente, e que este competidor percorría ora a Gallia, ora a Península, vejamos qual foi a influencia que a marcha de Ataulfo exerceu nas regiões de que vinha tomar posse.

Consideraremos desde já qual não sería o terror que a noticia de este avance havía de causar nos vândalos, suevos e alanos que nesse tempo andavam pelas Gallias, ao lembrarem-se, pela tradição dos seus antepassados, de como o chefe godo [1] Generico os tinha maltratado na Pannonia, e ao calcularem quanto mais fácil não seria aos visigodos desbaratá-los agora, visto estarem em territorio alheio, onde eram odiados pelos habitantes, na sua qualidade de depredadores. Receando pois o poder de Ataulfo, que elles julgavam reforçado com a alliança de seu cunhado Honorio, resolveram estes bárbaros passar á Espanha, para pôrem entre sí e os visigodos o difficil passo dos Pyrenéus. Esta migração tinha ademais a vantagem de lhes

[1] JOH. CUSPINIANO, *De Cæsaribus*.

proporcionar novos recursos, pois que tendo elles por principio de exterminar tudo sem cuidarem de nada conservar, necessitavam a cada passo mudar de territorio para acharem despojos e alimento — e elles sabíam que na Espanha, paiz feracíssimo e de ricas minas encontraríam quanto lhes fizesse falta. Por outro lado, a época e as circumstancias parecíam-lhes azadas, posto que os celtíberos, que não podíam pagar os enormes tributos impostos pelos romanos, seguíam em parte o partido do aventureiro Constantino, o que impediría os generais romanos, occupados em suffocar rebelliões, de reunir um exército para lhes deter a marcha.

Eis as considerações a que a Península deveu ser invadida ao mesmo tempo por quatro povos bárbaros: por uma parte os *vândalos*, nação da Pomerania, misturados com os *silingos* da Baviera, marchando todos sob o commando de Gunderico; pela outra os *alanos*, víndos da Scythia, commandados por Atace, e os *suevos*, nascidos onde o Danubio, tendo á frente Hermenerico.

Como tinham previsto, foi escassa a resistencia que estes invasores encontraram no paiz invadido: os romanos, não tendo exército sufficiente para campear, retiraram-se aos seus presidios; os celtíberos, desunidos, defen-

díam-se mal, uns nos seus castellos construidos no cume dos montes, outros pelejando em troços diminutos, que logo eram vencidos.

Podendo sempre passar avante, foram os bárbaros fazendo grandes progressos pela Península: tomaram Astorga, então cidade mui principal; talaram os campos de Plasencia e de Toledo, e vieram sobre Lisboa, donde, no dizer de algum escriptor [1], tiraram grandes riquezas. Das margens do Tejo, seguiram assolando varias regiões, levando a toda a parte o terror e a destruição, pois como gente que não tinha morada fixa, só procurava permanecer num sitio emquanto elle lhe proporcionava recursos, abandonando-o quando já não podía servir, nem a elles nem aos que detrás viessem ou a elle voltassem.

De tudo isto resultou uma fome geral que foi seguida de terrivel peste [2] — calamidades essas que conseguiram amestrar aquelles povos, induzindo-os a cuidarem da sua conservação e a procurarem estabelecer-se. Assim o fizeram, emfim, repartindo entre si, ou pela sorte ou pela combinação, os territorios da Península, cabendo aos *suevos* e a uma parte dos *vândalos*

---

[1] Flav. Blondi Forolinense, *Decada I*, liv. I.
[2] Rodrigo Toledano, *Wandal. Hist.*, cap. XI.

a Galliza (então de maiores limites do que agora porque se extendía até ao rio Douro); aos restantes *vândalos* e aos *silingos*, a Bética; e aos *alanos* a Lusitania e parte da provincia carthaginense. De este estabelecimento resultou que Roma apenas podía contar em Espanha com pouco mais que a obediencia dos *cântabros* e dos *asturianos*.

Emquanto a Península ibérica era assim invadida, talada e repartida, sem que os seus habitantes naturais — os *celtíberos* ou *espanhois* — se pudessem defender, entrava Ataulfo em Narbona (anno 415) e alli estabelecía a capital da parte das Gallias que lhe tinha sido doada [1], não sem antes ter disputado o terreno palmo a palmo para chegar até aquella cidade. Por esse tempo tambem foi o aventureiro Constantino feito prisioneiro em Arles por Constancio, prefeito do exército do imperador Honorio.

Estes dois factos — a estabilidade dos visigodos, e o desapparecimento do competidor de Honorio — parecíam dever dar ás Gallias uma tranquillidade tão prolongada quanto era de esperar de aquella época de luctas e ambições. Effectivamente, Ataulfo principiou por

---

[1] Comprehendia pouco mais ou menos os actuais departamentos dos Pyreneus orientais, Herault, Gard e Aude.

celebrar grandes festas em Narbona [1], nas quais os visigodos viram pela primeira vez o seu rei usar, á imitação dos imperadores romanos, o manto de púrpura — circumstancia que assignala a inicial tendencia de aquelles bárbaros para o luxo da civilização.

Não podendo porém Ataulfo reprimir o seu natural ardor, e não querendo que os ocios da paz lhe pervertessem a nação, julgou conveniente ir tomar posse das vertentes dos Pyrenéus, levando até ao oceano os limites do seu reino. Poz-se portanto em campanha, e, vencedor em todas as partes, chegou até Bordéos que saqueou e queimou, ficando senhor de toda a Gallia meridional (anno 415), que denominou *Gallia góthica* [2], nome com que desde então se ficou designando a parte, ora extensa, ora mais retraída, que os visigodos occupavam além dos Pyrenéus.

Parece que neste mesmo anno de 415 e no seguinte houve entre Honorio e Ataulfo algumas divergencias a respeito do resultado das quais os historiadores são bastante obscuros, e até contradictores uns dos outros; passá-las-emos portanto em silencio para nos occuparmos dos factos que são citados com precisão.

---

[1] Olympiodoro, *Hist.*, liv. xxii; Idacio Lamecense, *Chronica*, liv. ii.

[2] Fauchet, *Antiquités gauloises*, liv. ii, cap. 9.

Avulta entre estes a vinda a Narbona de uma deputação espanhola encarregada de testemunhar a Ataulfo o desejo que tinham os celtíberos de o verem ir tomar posse da parte da Espanha que lhe fôra cedida [1]. Este convite nada tem de estranho, porque devemos attender á fama de ordeira benignidade que os visigodos grangeavam pela fórma correcta do seu proceder tanto para com os vencidos como para com aquelles entre os quais se estabeleciam — accrescendo neste caso a circumstancia dos celtíberos esperarem que os visigodos os livraríam da escravidão com que os outros bárbaros os ameaçavam, e tambem das exacções sempre crescentes dos romanos, que o imperio ainda mantinha na parte cedida aos visigodos [2]. Em consequencia de este convite saíu Ataulfo da cidade de Narbona, deixando-a presidiada pelos seus, e entrando pela Tarraconense hispânica chegou a Barcelona, na qual estabeleceu a sua capital. De este facto provém a posse inicial effectiva que da monarchia espanhola tomaram os visigodos.

---

[1] Rodrigo Toledano, *De Reb. Hisp.*, liv. II. cap. 6; João Magno, *Hist. Goth.*, liv. XV. cap. 13; João Vasa, *Chron.*, anno 417.

[2] Pouco mais ou menos as actuaes provincias de Lérida, Gerona e Barcelona.

Deprehende-se dos historiadores que de este rei se occuparam que elle, logo que tomou posse da parte hispânica do seu reino, moveu guerra aos vândalos, que eram os bárbaros que mais próximo lhe ficavam, não lhe advindo porém nenhuma vantagem de tal empreza.

Terminada esta campanha, Galla Placidia, sua esposa, moveu-o a reatar boas relações com Honorio, o que, não sendo do agrado dos principais dos visigodos, foi Ataulfo assassinado em Barcelona, no mesmo anno de 416, ao cabo de um reinado que se computa ter durado seis annos.

CAPÍTULO III

REINADOS DE SIGERICO E DE VALIA

Sigerico, próximo parente de Ataulfo, e talvez o ambicioso que fez mover o braço que assassinou esse rei, foi eleito chefe dos visigodos. Para engrandecer os filhos e os parentes mais chegados negociou amizade e confederação com o imperador Honorio, afim de este os nomear para empregos e dignidades. Esta ambição foi a sua ruína, pois os visigodos o assassinaram no mesmo anno em que lhe tinham dado o poder.

Em seu logar tomou Valia a chefatura dos visigodos, sendo eleito pelos principais de elles, devido talvez a ser filho de Ataulfo, como o refere Próspero na sua chrónica da Aquitania.

Valia principiou por hostilizar os romanos, organizando uma esquadra para passar á Mauritania; não chegou porém a desembarcar em Africa devido a uma tempestade que o arremessou á costa espanhola. Esta primeira manifestação de inimizade irritou Honorio a

ponto de ordenar a Constancio, seu prefeito nas Gallias, que com as armas na mão exigisse de Valia a entrega de sua irmã Galla Placidia, que o rei godo guardava em refens, se bem com todas as attenções que merecía quem já fôra rainha. Para incitar o zêlo de Constancio, offerecia-lhe Honorio de o deixar tomar por esposa á viuva de Ataulfo, fazendo-lhe ademais entrevêr a possibilidade de o tornar seu companheiro no imperio. Constancio, homem prudente, para não expôr a sua futura elevação ás contingencias da guerra, entrou em negociações com Valia; este, que tambem prefería um accordo á toma das armas, não foi muito exigente, e assim tornou a haver confederação entre o imperio e o reino visigóthico estabelecendo-se que Placidia sería entregue, e que Valia faría a guerra aos bárbaros, ficando com os despojos que houvesse a mãos, mas devolvendo aos romanos as provincias que conquistasse.

Em virtude de esta combinação foram os alanos atacados pelas armas reunidas de Valia e de Constancio, soffrendo aquelles bárbaros, nos campos de Mérida, na Lusitania, uma terrivel derrota em que caíu morto o seu rei Ataco. Ao verem-se sem chefe, os alanos entregaram-se ao rei dos vândalos da Galliza, confundindo com estes o sceptro e o nome.

De Mérida passou Valia á Vandalosia (Andaluzía) onde subjugou os vândalos e silingos que nella se tinham estabelecido, não os expulsando porém de lá porque elles declararam querer sujeitar-se ás leis do imperio e estar dispostos a pagar os tributos que exigissem os romanos.

Em recompensa de estes bons serviços concedeu Honorio a Valia o senhorio da Guyena, no qual estavam incluidas as cidades já então importantes de Tolosa e Bordéos. Valia passou logo a visitar esse senhorío, mas na primeira de aquellas cidades foi surprehendido pela morte (anno 419) ao cabo de trez annos de reinado glorioso.

CAPÍTULO IV

OS BÁRBAROS DA PENÍNSULA

As nações bárbaras que tinham tomado assento na Península cobraram alentos com o desapparecimento do Rei Valia e do prefeito Constancio, as duas primeiras personagens que tinham conseguido soffreá-las nos seus instinctos de vagabundágem e rapina. Vendo-se senhores da Península, já porque Roma tinha retirado as tropas que mantinha no Occidente, já porque confiavam no desleixo de Honorio, que, engolfado nos ócios de Ravenna, só cuidava em assegurar a tranquillidade das provincias em quanto tinha que levantar tributos nellas, não se importando com a sua sorte depois desses tributos levantados, essas nações, dizemos, ergueram-se em armas e principiaram a guerrear-se entre sí.

Foram os vândalos da Andaluzía os que mais se assignalaram nessas expedições. Principiaram por invadir a Galliza, levando de vencida os suevos que nella se tinham installado, até os obrigarem a refugiar-se nas

ásperas montanhas situadas entre Leão e Oviedo, saqueando, talando e devastando, no seu retrocesso, quanto se lhes deparava. Como os despojos fôssem abundantíssimos, os vândalos apossaram-se das embarcações que estavam nos portos e abarrotaram-nas com quanto tinha sobrado da satisfacção das suas necessidades. Assim se tornaram senhores de uma armada, na qual seguiram por mar, entrando as fozes dos rios e descendo nas praias em que havía povoações á vista. Navegaram de este modo até passar o estreito de Heraclea (Gibraltar), e, acossados talvez por alguma tempestade, que os obrigasse a distanciarem-se da costa, aportaram nas Baleares, onde augmentaram a esquadra com quantas embarcações encontraram, atulhando-as de mantimentos, gado, dinheiro, etc.

Das Baleares, guiados pelos prisioneiros que tinham feito, os quais eram conhecedores do Mediterraneo, vieram os vândalos desembarcar em Cartagena, cidade que, por ser capital de uma provincia romana, estava algum tanto presidiada, o que porém não a impediu de cair em poder do temivel Gunderico, o qual, para se vingar da opposição que nella encontrou a sequeou e arruinou. De este desastre da antiga capital da colonia cartaginense, fundada havia já seiscentos annos, proveio o engrandeci-

mento de Toledo, onde se refugiou o bispo metropolitano e todo o elemento official que tinha assento em Cartagena.

Gunderico, vendo-se senhor de uma poderosíssima armada e rico de despojos, proseguíu devastando o littoral até alcançar a foz do Guadalquivir. Por este rio chegou a Sevilha, onde entrou — postrera empreza da sua vida, pois, segundo S. Izidoro [1], caíu morto ao pôr a mão nos vasos sagrados da egreja de S. Vicente de aquella cidade.

Succedeu-lhe Genserico, que, dizem, era seu irmão bastardo. A sorte foi favorável a este rei, o qual, valente e astuto, soube aproveitar todas as circumstancias que o acaso lhe deparou para se engrandecer, e engrandecer a sua nação, levando-a a regiões onde dominou como senhora.

Honorio, ainda que indolente, receou, ao ver os progressos que os vândalos faziam na Espanha, perder o pouco que na Península ainda dependía de Roma. Contra elles mandou pois marchar Castino. Este general, não se vendo com forças sufficientes para atacar os bárbaros, chamou em seu auxilio o governador da Africa, Bonifacio, que logo accorreu. Sem que se conheçam as causas, sabe-se que

---

[1] *Chron. Vandal.*

a discordia não tardou a reinar entre os dois capitães, os quais, sem terem podido molestar gravemente os vândalos, se separaram, regressando Castino á Italia e Bonifacio á Africa. Por este tempo morreu Honorio, succedendo-lhe a imperatriz Placidia como regente de Valentiniano, que era de menor edade. Placidia tinha depositado toda a sua confiança no conde Aecio, o qual, aspirando ao governo da Africa, incutiu no ânimo da imperatriz graves desconfianças acerca de Bonifacio, induzindo-a a que o chamasse á Italia. Ao mesmo tempo, e para dar-lhe motivo para se rebellar, escreveu secretamente a Bonifacio, avisando-o das más intenções da imperatriz a seu respeito, e aconselhando-o a não vir á Italia, onde sua vida perigaria.

Vendo-se assim constrangido a sublevar-se, Bonifacio não hesitou, mas, temendo que as forças de que dispunha não lhe bastassem, enviou emissarios a Genserico, pedindo-lhe de o ir ajudar, offerecendo-lhe em recompensa a provincia da Mauritania. O rei vândalo acceitou a proposta, esperando que os accidentes da guerra lhe proporcionassem ensejo para se inimizar com Bonifacio e senhorear-se de toda a Africa, expulsando de lá os romanos [1].

---

[1] Saavedra Faxardo, *Corona got.*, cap. v.

Os successos colmaram as esperanças de Genserico, pois Bonifacio não tardou a desamparar a Africa, de que os vândalos ficaram senhores.

Cabe aqui dizer que desde que os bárbaros assentaram o seu domicilio na Península abraçaram o catholicismo, por verem que a sua conversão os tornava mais acceitáveis aos naturais. Genserico era portanto christão quando partíu para Africa, mas, uma vez alli, filiou-se na seita de Ario, para, sob o pretexto de differença de religião, justificar a guerra que fazía ao imperio. De esta circumstancia proveio a perseguição dos vândalos á Egreja catholica [1].

---

[1] Baronio, *Annaes do anno 437*.

CAPÍTULO V

REINADO DE THEODOREDO OU THEODORICO I. REINO SUEVO. ÁTTILA. BATALHA DOS CAMPOS CATALÁUNICOS

Logo depois da morte de Valia reuniram-se os principais dos visigodos para lhe darem successor, e ,como por acclamação, elegeram Theodorico ou Theodoredo, guerreiro que, naquelle povo sagaz e paciente, sobresaía pela sua sagacidade, paciencia e tacto político.

Ainda que as vistas de este chefe fossem mais ambiciosas que as dos seus predecessores, e que só a custo permanecesse confinado dentro dos limites que ao seu reino encontrara, julgou conveniente manter-se na espectativa, para poder tirar o maior proveito possivel do resultado que as luctas dos bárbaros tivessem na Península, não lhe convindo, emquanto uns eram atacados pelos outros, ingerir-se nessas luctas, receando que todos se confederassem contra elle, e que os proprios romanos formassem parte da confederação, pois conhecía que o valor e o poder

dos visigodos é que causava maior inveja tanto aos romanos como aos bárbaros.

Ademais, os acontecimentos parecíam legitimar as esperanças dos godos: os vândalos tinham-se transferido para a Africa; os romanos tornavam-se cada vez menos para temer; os bárbaros procuravam destruir-se entre sí; e os aborígenes, ou seja os celtíberos, anhelavam pelo día em que aos visigodos fosse dado de se estabelecerem em toda a Península, á qual daríam a tranquillidade com a sua cordura, e a segurança com o direito de defenderem a posse do territorio conquistado. A morte de Hermenerico, rei dos suevos da Galliza, veio porém crear uma situação que impedíu os visigodos de se internarem por então na Espanha.

Do reino suevo, que naquelle tempo comprehendía todo o territorio que da margem direita do Douro se extende até ás costas do mar Cantábrico, abrangendo conseguintemente além da Galliza propriamente dita, os nossos cinco actuais districtos do norte, as Asturias, e grande parte de Castella a Velha, era rei Richila, filho de Hermenerico. Vendo-se livre dos vândalos, que tinham assoberbado o seu povo, este rei aproveitou a ausencia do general romano Sebastião — que, no intuito de lhes reprimir os designios, seguira aquelles bár-

baros á Africa — para reunir um poderoso exército com o qual entrou pelo territorio dos romanos situado além Douro, extendendo desde logo os limites do seu reino até á margem direita do Tejo inferior. Sem se occupar dos alanos situados entre este río e o Guadiana (Alemtejo), atravessou por meio de elles, e entrou na Vandalicia ou Andaluzía, onde Ardebato, governador das armas do imperio, lhe saíu ao encontro e lhe apresentou batalha, perdendo porém nella a vida e os ricos despojos com que os suevos ficaram. Esta batalha que se julga ter sido dada onde hoje está edificada a povoação de Jerez de la Frontera, foi seguida de uma incursão sueva pelos territorios que occupavam os siligos, que até á saída dos vândalos para a Africa tinham estado mixturados com elles. Depois de os derrotar e arruinar, veio Richila sobre Sevilha, que entrou, e desde a qual se dirigíu novamente para a Lusitania, em cujos confins estabeleceu cêrco a Mérida, que se defendeu heroicamente, mas que acabou por cair nas mãos dos suevos. Depois de se repôr das fadigas nesta, então tão opulenta cidade, foi com o seu exército occupar a Carpentania, cuja capital, Toledo, foi por elle poupada a rogos do metropolitano da Carthaginense, que,

como já sabemos, tinha a sua séde naquella cidade.

Assim ficou constituido o maior reino que até então os bárbaros tinham fundado na Península: com portos seus nos dois mares oppostos, era-lhe o Ebro limite ao norte.

A victoria dos suevos foi-lhes tanto mais fácil quanto era então delicado o estado dos romanos na Hispania. Theodoredo, pelo anno 437, vendo Roma occupada na Africa a querer de lá expulsar os vândalos, julgou a occasião azada para recuar os limites do seu reino. Para isso, declarou guerra ao imperador Valentiniano III, successor de Honorio; entrou talando e arrasando pelas terras do imperio, até que poz cêrco a Arles. Não poude porém tomar esta praça em soccorro da qual accorreu o general Aecio.

O rei godo, não obstante, continuou a guerra, e se bem é verdade que não conseguíu por aquelle tempo dilatar o seu reino, poude ao menos derrotar os romanos nos campos de Tolosa, vindo a cair-lhe nas mãos o general Litorio e grande número de outros prisioneiros (anno 439).

Como foi com esta guerra que coincidíu a campanha de Richila, da qual acabamos de occupar-nos, os visigodos e os romanos, ante o perigo commum de se poderem ver absor-

vidos pelo victorioso e feliz suevo, firmaram pazes, e estabeleceram uma alliança cujo fim era o de fazer entregar aos romanos as províncias de que os suevos acabavam de esbulhá-los. Richila, ao ver o perigo a que esta alliança o expunha, prometteu devolver aos romanos a Carpentania e a Carthaginense, com tal que elles o reconhecessem como rei de todas as outras conquistas que fizera. A proposta foi acceite, e assim ficou o reino dos suevos comprehendendo as Asturias, uma pequena parte de Castella — com Astorga, a Galliza, e toda a parte de Portugal situada ao norte do Tejo. Em quanto aos alanos e aos silingos, parece que estes povos apenas ficaram como tributarios dos suevos.

Depois da morte do glorioso Richila, subiu ao throno suevo seu filho Recciario, a quem, como a rei poderoso que era, procurou Theodoredo para genro, offerecendo-lhe em casamento uma das suas filhas, ao tempo que dava outra a Hunerico, filho de Genserico, não menos poderoso então na Africa.

De estes dois enlaces, tendentes a assegurarem a paz dos visigodos, só um de elles é que surtíu o effeito desejado: foi o effectuado na Suevia; o outro originou, em vez de alliança, inimizades: Humerico, julgando que a esposa o quería envenenar, mandou cortar-

lhe o nariz, e assim mutilada a devolveu a Theodoredo. Este teve de devorar a injuria por não ter armada com que levasse a guerra á Africa.

Outros cuidados trazíam tambem o rei godo preoccupado. Por aquelle tempo, vinha Áttila avançando pela Germania, sem que romanos ou visigodos soubessem a que região se dirigía o terrível rei dos Hunos. Ora parecía que o chefe de aquella gente fera e rude, que a tradição dava como descendente dos faunos [1], tomava a direcção dos Alpes para entrar na Italia, ora que se dirigía para o Rheno afim de invadir a Gallia. Era de quinhentos mil homens, dizia-se [2], o exército que o seguía; exército composto de guerreiros que tinham a fama de beber sangue humano; de adornar os seus cavallos com as caveiras dos prisioneiros que fazíam; de sacrificar a Marte e a Hércules os estrangeiros que penetravam na Scythia, sua patria; de matar os proprios pais quando estes, pela edade, se tornavam improprios para a guerra [3], e de terem em conta de inimigo qualquer estrangeiro, aspi-

---

[1] P. Callimaco, *Attila* e Ammiano Marcellino, *Rerum gestarum hist.*

[2] Saavedra Faxardo, *Coron. got.*

[3] Ant. Bonfino, *Decad rerum Hungaric*, dec. I, liv. 3.

rando por isso mesmo a reduzirem á escravidão todo o género humano e a derrubar o imperio.

Ademais, outros chefes tinham vindo engrossar as fileiras dos hunos: Valamiro, rei dos ostrogodos do Oriente, e seus irmãos Theodomiro e Vendemiro [1]; Harderico, rei dos gépidas; e, emquanto o exército seguía as margens do Danubio, valendo-se de aquelle río para o transporte das bagagens, juntaram-se-lhe os francos, que na Allemanha habitavam entre os saxões e os alanos [2], ou que talvez fossem apenas uma reunião de varios povos ou tribus que erravam pelos paizes septentrionais da Europa [3], opinião que vai, na verdade, em contra de Gregorio de Tours, e dos historiadores francezes que o crêem verdadeiro neste ponto, a elle, que escreveu 150 annos depois dos factos passados, mas que é conforme com o que diz Sidonio Apollinario, contemporaneo das personagens, o qual no panegýrico de seu sogro, o imperador Avito, que depois foi bispo de Placencia, e que tinha presenceado a batalha dos Campos Cataláunicos, diz que os francos assistíam Attila. Esta opinião é tambem

---

[1] Nicol. Olai, *Attila,* cap. iv.

[2] Carlos Sigonio, *De Occidentali Imperio,* liv. ii.

[3] Philip. Cluverio, *De Antiq. Germ.* liv. iii. cap. 20.

seguida por Papyrio Massonio [1], e por Baronnio, nos seus annais [2].

Era pois um exército formidável, o exército de Áttila — que acabava de percorrer a Mysia, a Pannonia e a Dalmacia, expulsando os visigodos de onde os encontrava, para não deixar atrás de sí inimigos que, por serem da mesma nação de aquelles que dominavam em parte da Gallia e da Península, que elle quería investir, lhe podiam crear embaraços não os tendo a todos por diante [3] de sí.

Não é portanto cousa de estranhar que Theodoredo estivesse preoccupado com a indecisa marcha de Áttila pela Allemanha. Qual era o fim que tinha em vista e qual o ponto a que se dirigía o terrivel chefe? Procurava as riquezas que ainda restavam aos romanos, ou pretendía estabelecer-se na região que os visigodos já tinham por sua?

Pelo seu lado, os romanos não assistíam indifferentes ao avance de Áttila pela Europa; de que lhes valia porém a preoccupação, se não tinham forças com que sair-lhe ao encontro para o obrigarem a retroceder?

---

[1] *De Calamitatibus Galliae.*

[2] *Ann.* 451-456.

[3] Callimaco, *Attila.*

Tais receios eram de molde a fazer approximar novamente os romanos dos visigodos, procurando entre ambos desbaratar os planos de um inimigo que devia ser considerado commum. Assim o suppoz tambem o proprio Áttila, pois que, como quem fazia primeiramente a guerra com a astucia [1] preparando-se

---

[1] « Homo subtilis, antequam bella gereret, arte pugnabat » JORNANDES, *De Reb. Getic.*

Cabe aqui fazer alguma luz sobre tão estranho guerreiro, não porque isso interesse sobremaneira ao assumpto de este livro, mas porque é curiosa a descripção que os auctores antigos fazem de Áttila.

Era Áttila de mediana, mas robusta estatura, cabeça grande, olhos vivos e fulgentes, barba rara, cabelleira áspera e côr morena *(a)*. Como todo homem grande mas de caracter inculto, Áttila reunía em si os maiores vicios e as maiores virtudes *(b)*. A sua intelligencia e a sua memoria eram portentosas, o que fez dizer a um escriptor que Áttila negociava com uns ao mesmo tempo que dictava a varios outros *(c)*. Clemente com os que se lhe rendíam, era cruel com quem lhe resistía *(d)*. Reservado e astuto no conselho, era inexoravel no cumprimento das resoluções *(e)*. Punha grande empenho em sustentar com grandeza a sua superioridade sobre os grandes do seu povo *(f)*, fazendo-se temer com o castigo e amar com a liberalidade *(g)*. Tinha-se por

(a) JORNANDES, *De Rebus Goth.*
(b) SAAVEDRA FAXARDO, *Coron. Got.*
(c) ANTONIO BONSINO, *Rerum hungaricarum,* Decada I, livro III.
(d) PAULO CALLIMACO, *Attila.*
(e) NICOLAU OLAI, *Attila.*
(f) P. CALLIMACO, *Attila.*
(g) A. BONSINO, *Rerum Hungar.* Decad. I, liv. III.

para mais facilmente a fazer com a força, procurou inimizar os romanos e os visigodos entre si, attraindo um de elles á sua causa, fosse elle qual fosse, para com a sua ajuda desbaratar o outro, e depois, sem esforço, aniquilar o proprio que o ajudara.

Com esse fim escreveu ao mesmo tempo ao imperador Valentiniano III e ao rei Theodoredo [1], dizendo áquelle que o seu intuito era unicamente destruir os visigodos para os castigar das injurias que elles e seus antepassados tinham feito á sua nação, e que a elle, imperador, se não se decidisse a vir ajudá-lo — para vingar Roma do incendio que lhe tinha posto Alarico — lhe convinha conservar-se

---

invencivel, persuadido que cingía a espada do proprio Marte *(a)*, dizendo que por isso é que os deuses lhe tinham commettido a incumbencia de os vingar. Nobre na hospitalidade, e generoso em dar, não se negava a soccorrer os perseguidos. Raro exemplo é o modo como elle se houve para com Aecio, quando este general, caído no valimento do imperador que o accusava de não ter impedido com as armas que os vândalos, alanos e suevos se alastrassem pela Peninsula ibérica, se refugiou na Scythia, desde a qual só regressou a Roma devido á influencia do proprio Áttila que demonstrou ao imperador quão injusto tinha sido para com o vencedor dos borguinhões.

[1] JORNANDES, *De Rebus get.* e PAULO DIACONO, *Hist. miscell.* liv. I.

a NICOL. OLAI. *Attila*, e JORNANDES, *Reb. Get.*

neutral, não prestando apoio aos que devía considerar como inimigos.

A Theodoredo escreveu, intimando-o a que se juntasse a elle, Áttila, com o seu exército, para guerrear os romanos, aconselhando-o a que não permanecesse neutral, para não ser depois víctima do vencedor. Accrescentava que, se os godos se unissem aos romanos para guerrear, elle era assás forte para os vencer a ambos e destruir até ao último.

A Aecio não deixou Áttila tambem de escrever em segredo, recordando-lhe a sua antiga amizade e beneficios [1], dando-lhe a entender que ellè sería o instrumento da sua grandeza, e mostrando-lhe quão insensato era esperá-la dos imperadores que tão mal tinham correspondido aos seus serviços.

Conheceu Valentiniano a astucia do chefe dos hunos e escreveu logo a Theodoredo [2] propondo-lhe confederação contra Áttila, o inimigo commum. O rei visigodo correspondeu immediatamente á iniciativa do imperador, e preparou-se para a guerra, fazendo grandes levas tanto na Gallia visigóthica como na Espanha, convidando tambem Sanguibano, rei dos alanos para o acompanhar, o que foi acceite.

---

[1] Veja-se a nota 10.ª.

[2] Bonfino, Decad. I, liv. III.

De tudo isto foi Áttila informado por mensageiros que lhe enviou Genserico, rei dos vândalos da Africa, o qual anhelava a destruição de Theodoredo, sempre receoso da vingança que este mais cedo ou mais tarde podería tomar da injuria que elle lhe tinha feito á filha.

Estas noticias decidiram o chefe huno a cair rapidamente sobre a Gallia, não dando aos confederados tempo para se aperceberem devidamente. Passou o Rheno, e, sem obstaculos de vulto, apresentou-se diante de Orleans, a qual fechou as portas [1], e lhe resistíu tão tenazmente que deu tempo a Theodoredo para se reunir ao conde Aecio, indo os dois exércitos em soccorro de aquella cidade.

Attila víu-se obrigado a levantar o cêrco, mas retirou em boa ordem, indo, ao que parece, sobre Lyão, donde retrocedeu para encontrar-se com o exército romano-góthico nos Campos Cataláunicos [2], onde se feríu a grande batalha em que Theodoredo perdeu a vida.

Morto o rei visigodo, logo alli foi alçado seu filho Turismundo, o qual, no dizer de

---

[1] Gregorio de Tours, *Hist. francorum*, liv. II, cap. 7.

[2] Estes campos são formados pela planicie em que se elevam as cidades de Troyes, Vitry e Chalons-sur-Marne, na Champagne.

Idacio Lamecense [1], bispo de Chaves, para vingar a morte do pai, pelejou trez dias e trez noites sem parar.

Nesta batalha, que nem foi uma victoria decisiva para os confederados, nem uma derrota assignalada para Áttila, que, se bateu em retirada, o fez na melhor ordem; nesta batalha, dizemos, julga-se terem pelejado tambem os lusitanos, recrutados por Sanguibano, rei dos alanos do além Tejo, facto que, a ser verdadeiro, ligaría intimamente a batalha dos campos Cataláunicos com a historia da nossa patria.

---

[1] *Chronicon,* liv. II.

CAPÍTULO VI

REINADO DE TURISMUNDO

Morto Theodoredo, após trinta e dois annos de reinado (anno 451), foi acclamado rei seu filho Turismundo: primeiramente no campo da batalha; e mais tarde, com toda a solemnidade, foi-lhe ratificada a eleição na sua capital de Tolosa.

E' excessivamente obscura a historia de este reinado, que os auctores quasi passam em silencio. Não obstante, parece deprehender-se de Gregorio de Tours e de Olai que Turismundo, alliado com Sanguibano, ainda se defrontou segunda vez com Áttila, no anno 454, e que, nesse mesmo anno, entrou talando pelas provincias romanas da Gallia, conseguindo chegar até Arles á qual pôz apertado mas infructuoso cêrco pelo que se fez de volta a Tolosa, onde morreu algum tempo depois, assassinado, ao que parece, pelo seu valido Ascalerno.

Saavedra Faxardo [1] pretende que Turismundo fez pela Península uma excursão da qual resultou ficarem os alanos reduzidos á obediencia dos visigodos.

[1] *Coron. Got.*, cap. VI.

CAPÍTULO VII

REINADO DE THEODORICO II

Depois do assassinato de Turismundo a chefía dos visigodos recaiu em seu irmão Theodorico. O primeiro intento de esse chefe foi de conquistar toda a Península, mas como para isso lhe era preciso expulsar os bárbaros que nella estavam habitando — no que esperava ser ajudado pelos celtíberos, visto que estes sympathizavam mais com os visigodos do que com qualquer das outras nações que entre elles se tinham estabelecido, sem do número exceptuar os proprios romanos — não quiz Theodorico abalançar-se a tão arrojado emprehendimento sem pedir ao imperador Valentiniano licença para o levar a cabo; pois, como político previdente, entendeu que tinha de sacrificar alguma parcela do seu decoro para poder apresentar-se ante os aborígenes da Espanha de modo a não ser tomado por simples aventureiro que vinha tentar fortuna. Comprehendía ademais que lhe era conveniente ter o imperio em seu

favor no caso que Genserico, rei dos vândalos da Africa, viesse em auxilio dos bárbaros da Península, particularmente no de Recciario, rei dos suevos da Galliza, o qual, apesar de ser cunhado de Theodorico, não hesitaría em sacrificá-lo á sua ambição para dilatar os confins dos seus Estados, que, como já consignámos, formava naquelle tempo o mais vasto reino da Espanha.

Os acontecimentos vieram secundar a política e os desejos de Theodorico: Máximo Petronio, tendo mandado matar o imperador Valentiniano III (anno 455), enviou logo uma embaixada ao rei visigodo para com elle renovar a alliança que este tinha feito com Valentiniano, e tambem para assegurar-lhe que o senado o reconhecía como senhor independente nas terras que a seus predecessores os romanos tinham concedido.

Em quanto Avito, chefe de esta embaixada, se desempenhava da sua missão foi Máximo, assassinado pelos pretorianos, no mesmo anno da sua exaltação. Theodorico incutiu então no ânimo de Avito o desejo de este se fazer acclamar imperador, promettendo-lhe apoiar com as armas godas as pretensões daquelle que então lhe era hóspede.

Deixou-se Avito deslumbrar com a perspectiva do imperio, e acompanhado pelo exército

protector de Theodorico dirigiu-se a Roma, onde o senado o saudou imperador [1].

Apenas proclamado césar pelo senado, Avito mandou uma embaixada a Theodorico para lhe agradecer o auxilio que este lhe havía prestado e para o encarregar de tutelar as terras ainda possuidas pelos romanos na Península, rogando-lhe de as proteger contra a ambição do suevo Recciario, o qual, ensoberbecido pelo éxito, poderia atrever-se a atacá-las. Se este caso se désse, ficava Theodorico auctorizado a reclamar a ajuda das armas romanas que na Península se encontrassem, e com ellas penetrar no reino suevo, apossando-se, para si proprio, de quanto nelle pudesse conquistar.

Esta embaixada vinha portanto confirmar tácitamente que Roma reconhecía a independencia do reino visigóthico, bem como o direito de este sobre as provincias que, para o formar, tinham sido tiradas do imperio. Reconhecíalhe ademais o direito de dilatar-se com terras conquistadas aos outros bárbaros [2].

---

[1] Carl. Sigonio, *De Occid. Imper.*, liv. xiv; Baronnio, *Ann. 455;* Sidonio Apollinario, *Panegyr. Avit.;* Nicol. Cisner, *Annal. Bojorum*, liv. ii; S. Izidoro, *Suevor. hist.*

[2] Carl. Sigonio, *De Occid. Imperio*, liv. xiv; Joan. Vasaei, *Historiae Chronicum*, ann. 457.

De Jordanes [1], Bonfino [2], Rodrigo Toledano [3] e João Magno [4] infere-se que Theodorico, talvez para incitar Recciario — de sí já muito disposto a expedições guerreiras — lhe enviou embaixadores encarregados de lhe representarem os bens que adveem da paz, bem como os perigos a que expõem as guerras; esses embaixadores devíam particularmente e com insistencia ponderar ao rei suevo que Theodorico, ainda que sendo seu amigo e cunhado, não podería, em virtude da sua alliança com o imperador, nem acompanhá-lo nos lances cujo projecto lhe attribuía, nem eximir-se a oppôr-se a elles com as armas proprias e com as do imperio, se elle, Recciario, persistisse em emprehendê-los.

Se effectivamente Theodorico só tinha em vista precipitar os acontecimentos, não ha dúvida que o plano surtíu-lhe o effeito desejado, pois o rei suevo limitou-se a responder aos embaixadores que: « Não tardaría a encontrar-se com o cunhado em Tolosa, onde o valor de ambos decidiría a sorte » [5].

---

[1] *De Rebus Geticis.*

[2] *Decades rerum Hungaricarum*, dec. I, liv. 7.

[3] *De Rebus Hispaniae*, liv. II, cap. 9.

[4] *Gothorum et Suevorum Historia*, liv. XV, cap. 23.

[5] JORDANES, *De Rebus Get.*

Não foi preciso mais: Theodorico atravessou os Pyrenéus com parte do seu exército e um troço de Borguinhões, metteu-se pela Hispania, e vindo ás mãos com Recciario, nas immediações de Astorga [1], feriu-o e infligiu-lhe grandes perdas.

O suevo pretendeu logo tirar a desforra, mas, exhausto de forças, deliberou ir a África para entender-se com Genserico, e, entre ambos, caírem simultaneamente na Península sobre os romanos e os visigodos. Uma tempestade veio porém oppôr-se ao designio de Recciario, que, tendo de acolher-se á foz do Douro, então presidiada pelos romanos na margem esquerda do rio, foi preso e levado á presença de Theodorico, que o mandou matar.

Tanto com os suevos como com os celtíberos indígenas da Galliza houve-se Theodorico com summa benignidade, não consentindo que o seu exército saqueasse qualquer outra povoação que não fosse Braga, capital do reino suevo [2], a qual encerrava tão grandíssimas riquezas que as tropas se deram por satisfeitas. Este procedimento, nobre e raro naquelles tempos e naquelles homens, fez com

---

[1] Rodrigo Toledano, *De Rebus Hispaniae*, liv. II, cap. 19.
[2] João Magno, *Goth. Hist.*, liv. XV, cap. 24.

que toda a Galliza se rendesse a Theodorico e o proclamasse seu rei (anno 456).

Como por este tempo o imperador Avito se tivesse já visto obrigado a renunciar ao imperio, julgou-se Theodorico desligado de todos os compromissos que com elle contraíra, e resolveu, agora que se via poderoso, augmentar o seu reino com despojos feitos aos romanos. Para entrar em campanha, installou em Braga o visigodo Acliulfo, ao qual entregou o governo da Galliza. Em seguida reuniu um exército, tão formidável pela fama como pelo número, e, passando o Douro, dirigiu-se a Mérida, capital de toda a Lusitania. Era Mérida famosa entre as mais famosas cidades que os romanos ainda possuíam na Península. Cercou-a Theodorico afim de a saquear, mas saíu-lhe baldado o intento, porque, dizem alguns historiadores [1], lhe appareceu a advogada da povoação, Santa Eulalia, que o demoveu de tal designio, e o obrigou a retroceder suscitando-lhe um inimigo em Acliulfo, o qual, aproveitando a ausencia de Theodorico, se fizera proclamar rei da Galliza.

Contra este rebelde mandou o rei visigodo os seus generais Nepociano e Nerico, os quais

---

[1] S. Izidoro, *Chron. Goth.* e Rodrigo Toledano, *De Rebus Hisp.*, liv. II, cap. 9.

perseguiram o usurpador de praça em praça, até que, aprisionando-o em Lugo, o mataram.

Do resto do exército formou o rei godo dois corpos: um deu-o a Ceurila para ir conquistar a Bética, que se lhe submetteu sem effusão de sangue, cansada como já estava das exacções dos romanos; o outro tomou-o o proprio Theodorico para guarda sua, e com elle se dirigíu a Barcelona, onde instalou a capital do reino que denominou visigóthico — convindo notar que Theodorico nunca se intitulou rei da Espanha, mas sim *rei dos godos.*

Depois do castigo que Nepociano e Nerico infligiram a Acliulfo é impossivel determinar os successos que na Galliza se deram, apesar de ser a historia de esta região da Península a que mais nos interessaría por causa da parte que do nosso Portugal nelle estava comprehendida. Esses acontecimentos devíam porém ser de consideração, posto que, ao pouco tempo de Theodorico a ter reunido á sua corôa, vemos a Galliza dividida em dois reinos, governados, um por Franta, o outro por Remismundo. Estes dois reis, alliando-se, entraram pela Lusitania romana, e nella saquearam, talaram e destruiram quanto se lhes deparou [1].

---

[1] Rodrigo Toledano, *De Rebus Hispan.*, liv. II, cap. 9.

Depois de ter installado a sua côrte em Barcelona, e sob o pretexto de vingar a deposição do imperador Avito, Theodorico entrou pelas provincias romanas da Gallia, levando tudo a ferro e fogo [1]. Não houve cidade que não entrasse, nem batalha que o detivesse. Lyão, a cidade que melhor resistiu, foi tomada e incendiada [2]. Desde esta façanha porém, parece que nem sempre a sorte lhe continuou a ser propicia, pois que, apesar de continuar na guerra, precisou contraír allianças para não ficar desamparado, dado o caso que os romanos o perseguissem — o que era muito para recear em vista de elle não lhes ter querido devolver Narbona, que occupara mais pela astucia que pela força (anno 461).

Entre essas allianças sobresái a que Theodorico contraíu com os suevos. Este facto interessa-nos por ser o resultado de acontecimentos succedidos em territorio portuguez.

Morto Franta, um dos dois reis suevos de que ha pouco falámos, foi eleito Frumario. Esta eleição desagradou ao outro rei, Rumismundo, o qual esperara sempre reunir toda a Galliza sob o seu sceptro, quando tal falleci-

---

[1] Joan. Cuspiniano, *Commentarius in Cassiodori fastos consulares.*

[2] Carl. Sigonio, *De Occid. Imperio,* liv. xiv.

mento occorresse. Sobreveio portanto uma guerra de espoliação durante a qual Iria Flavia foi destruida por Frumario; Lugo, Orense e outras muitas povoações das situadas á beira-mar, por Rumismundo. Foi este último rei que conseguiu a victoria, e que, apenas se viu livre do seu competidor, reuniu um poderoso exército com o qual se metteu pela Lusitania. Coimbra não lhe poude resistir e Santarém rendeu-se-lhe sem defensa. Lisboa, onde Lucidio era então governador pelos romanos, foi entrada [1] e posta a saque.

Não quiz o suevo levar mais longe a sua expedição. Temendo porém que os brilhantes resultados obtidos até alli o tornassem alvo da cobiça dos godos, enviou embaixadores a Theodorico para o assegurar da sua amizade e pedir-lhe uma das filhas em casamento.

Foi de este modo que Theodorico conseguiu a alliança a que antes nos referimos, prevendo que com ella lhe ficavam asseguradas as provincias góthicas da Península.

Este foi o último acto do soberano godo, o qual morreu assassinado por seu proprio irmão Eurico, ao cabo de treze annos de glorioso reinado (anno 467).

---

[1] IDACO LAMECENSE, *Chronica*, liv. II; S. IZIDORO, *Hist. suevorum*.

CAPÍTULO VIII

REINADO DE EURICO

A divisão política da Península ibérica, quando Eurico succedeu, pelo fratricidio, a Theodorico II, era a seguinte:

A monarchía sueva, então já unificada, dominava na Galliza, nas Asturias, em grande parte de Castella a Velha, em quasi toda a Lusitania, e nas actuais provincias de Trás-os-Montes e Minho, na última das quais estava situada a capital de todo o reino: Braga.

Aos godos pertencíam a maior parte da actual Catalunha bem como toda a Bética.

O resto do territorio, composto de parte da Lusitania, de toda a provincia Carthaginense, da Carpentania ou reino de Toledo, e das actuais Vascongadas, era ainda dominio romano.

Ethnographicamente, havia só dois elementos principais espalhados pela Península: os espanhois ou celtíberos, que se dedicavam á lavoura, á vida pastoril e á industria que então podería haver; e os bárbaros, que até

áquelle dia tinham vivido apenas da guerra, mas que já principiavam a dedicar-se á vida dos campos. Em quanto ao elemento romano propriamente dito, esse era tão diminuto, que se as provincias que ainda pertencíam constrangidas ao imperio não se sublevavam para libertar-se do jugo, não era certamente por causa dos exércitos que Roma mantinha na Península, mas tão só pelo receio de aquelles com que aquella nação podía, com a celeridade de que só os romanos possuíam o segredo, innundar as provincias que se sublevassem.

Tal era, em resumo, a situação política da vasta região de que o nosso Portugal faz parte, quando Eurico foi eleito pelos godos para reger os destinos da nação que em menos de oitenta annos conseguira substituir aos seus hábitos nómadas e rudes a propensão para constituir patria e nella fixar o assento do proprio lar.

Coincidindo com os últimos successos relatados no capítulo precedente, dera-se perto da Sicilia uma batalha naval na qual Basílico, capitão de Leão I, imperador do Oriente, derrotou a frota de Genserico, o velho chefe dos vândalos da África, que pretendía fazer um desembarque na Italia. Esta derrota, que não só influía desastrosamente no prestigio do

orgulhoso bárbaro, mas que sobretudo o ameaçava com futuros emprehendimentos com que os romanos o molestassem, induziu-o a enviar a Tolosa, onde Eurico tinha a sua capital, uma embaixada e ricos presentes, para offerecer amizade e alliança ao rei godo [1], assegurando-lhe que nenhum embaraço lhe poría, se Eurico se decidisse a senhorear-se de toda a Espanha e até das Gallias — procurando de este modo distrair a ambição romana para longe de sí, intrigando os visigodos contra o imperio do occidente, ao mesmo tempo que empregava astucias para os ostrogodos se moverem contra o oriente, e assim impedir que ambos se reunissem e se alliassem para o combater.

Eurico não se fez rogar para mover-se contra os romanos da Península, antes, pelo contrario, como quem já tinha premeditado o ataque, entrou com um poderoso exército pela Lusitania, que logo se lhe rendeu, sem que Remismundo se oppuzesse á empreza, receoso talvez que com elle se repetissem os factos que no reinado precedente se tinham dado com Recciario, ou acaso por não se julgar seguro da facção sueva que tinha sido partidaria de

---

[1] *Fragmenta de Veterum Francorum moribus;* JORNANDES, *De Rebus Geticis,* cap. XLVII; SIGEBERTO GEMBLACENSE, *Chronicon,* anno 471.

Frumario, e que bem podia aproveitar-se da sua ausencia do reino para o substituirem no throno.

Reunida a Lusitania á monarchia goda, Eurico dividiu o seu exército em dois corpos de operações; um marchou sobre Saragoça e Pamplona sob o commando de um dos seus melhores generais; com o outro, veio Eurico em pessoa pôr cêrco a Tarragona, que tomou e mandou desmantellar [1].

A fama de estas emprezas decidiu os celtíberos das outras provincias a procurar a protecção dos godos, e assim estes obtiveram que, sem reluctancia, se lhes rendessem Cartagena e Toledo, cidade esta muito importante, desde que, pelo incendio que áquella mandara deitar o vândalo Gunderico em 421, se tornára séde do metropolitano e de todo o elemento official dos romanos.

Com estes successos perdeu Roma quasi por completo o dominio que durante perto de setecentos annos tinha tido na Península, e firmou-se a monarchía visigóthica, cujo rei, embriagado pelo éxito, passou ás Gallias para de ellas expulsar tambem os romanos [2], com

---

[1] S. Izidoro, *Chron. Gothor.*; João Magno, *De Rebus Hispan.*, liv. v.

[2] Sidonio Apollinario, *Epistolas*, liv. i, epist. 7.

quem, dada a sua atitude, já não podía entrar em negociações. Nesta campanha conseguiu Eurico não só o intento com que a iniciara, senão que tambem saíu victorioso dos borguinhões; sujeitou ademais os rhutenos, os cadurcos, os lemovicos e os gavalitanos, e rematou-a com a tomada de Claramonte (Clermont-Ferrand), a antiga Arverna, de que era então bispo Sidonio Apollinario (anno 474).

Eurico assentou por último a sua capital em Arles, a principal das cidades que os romanos tinham tido nas Gallias. Foi aqui que elle publicou o primeiro código de leis escriptas que tiveram os visigodos, sempre até então rebeldes, como já dissemos, a toda obediencia á lei [1]. Como este facto, importante na nossa historia, tem sido posto em dúvida trasladamos o que a seu respeito diz Saavedra Faxardo na sua *Corona Gotica:* « Esta gloria de aver sido Eurico el primer « legislador de los Godos la atribuyen algunos « al Rey Alarico su hijo, y otros al Rey « Theodorico, su Hermano, fundandose en

---

[1] S. Izidoro, *Chron. Gothor.;* Rodrigo Toledaño, *De Rebus Hisp.*, liv. II, cap. 10; Francisco Tarapha, *De Regibus Hispaniæ*, ann. 515; Roderici Santii, *Historia hispanica,* p. II, cap. 9.

« vna carta de Sidonio Apolinar, donde que-
« jandose de los excesos de Seronato, Pre-
« fecto de las Gallias, dize, que pisava las
« leyes Theodosianas del Imperio, y intro-
« ducía las de los Godos, llamandolas Theo-
« doricianas. Pero ninguno de los Autores
« antiguos lo escrive, y así creemos, que ò es
« por error de la escritura, ò porque algunas
« veces Sidonio da à Eurico el nombre de
« Theodorico, em que tambien pecaron otros,
« aviendo sido desgraciado en esto, porque à
« penas ay Historiador que no le aya errado
« el nombre. »

Eurico tendo conseguido com os seus feitos fazer esquecer o crime a que devía a realeza, finou-se em Arles em 484, ao cabo de dezasete annos de glorioso reinado, deixando recommendado que os grandes elegessem para o substituir a seu filho Alarico, o que foi feito segundo dispuzera.

CAPÍTULO IX

REINADO DE ALARICO II

Ao principiar o reinado de Alarico II, a monarchía visigóthica abrangía toda a Gallia narbonense ou Gallia góthica, que desde os Pyrenéus ía até á margem esquerda do Loira [1], e do Atlantico á márgem direita do Rhódano [2], bem como toda a Península ibérica, exceptuando o que nella pertencía aos suevos, os quais dominavam na Galliza, em parte de Castella, e em todo o Portugal á direita do Tejo. A Cantabria (actuais Provincias Vascongadas), onde os celtas sempre se tinham mantido independentes dos romanos e dos bárbaros, formava como que um Estado á parte.

Confinando com o reino visigóthico, ía-se formando ao norte o novo reino de Clodoveu

---

[1] CLAUDE FAUCHET, *Recueil des Antiquités gauloises et françaises*, cap. XXII.

[2] JEAN DE SERRES, *Inventaire général de l'Histoire de France.*

ou Clovis, o qual, tendo abraçado o christianismo, valeu-se do pretexto de Alarico II ser ariano, como todos os seus antecessores o tinham sido, para ir fomentando contra elle o odio dos francos [1], na previsão de acontecimentos que lhe consentiríam augmentar os seus dominios á custa dos godos.

Nesta época, extincto já o imperio romano do Occidente, reinava na Italia Theodorico, rei dos ostrogodos, protegido por Zenon, imperador do Oriente. Theodorico era cunhado de Clodoveu e sogro de Alarico II, bem como do rei de Borgonha Sigismundo Gundibaldo [2]. Estas allianças tinham emfim approximado pelo sangue as duas casas dos Balthos e dos Amalos, de que já falámos no principio de este livro, e tinham-lhes assegurado a preponderancia entre as demais nações.

Não obstante, a ambição do engrandecimento falando mais alto que a moderação e a conveniencia política, creou entre Clodoveu e Alarico II uma inimizade que Theodorico com toda a sua prudencia não poude debellar, — este rei não querendo de modo nenhum

---

[1] « Car à quel propos, disait-il aux siens, ces Arriens auroient ils si bonne part entre les Chrestiens. » JEAN DE SERRES, *Inventaire*.

[2] CARLOS SIGONIO, *De Occidentali Imperio*, liv. XVI.

que Clodoveu se engrandecesse á custa dos visigodos, não só porque os estimava, senão pelas consequencias que do desmesurado engrandecimento do rei franco podiam advir em contra sua, se o cunhado ou seus descendentes pretendessem invadir-lhe os Estados.

Theodorico empregou pois todos os esforços [1] para evitar que a guerra estalasse entre os dois monarchas; a sua voz porém não foi attendida. A guerra declarou-se, e os exércitos franco e visigóthico defrontaram-se em Cinaux [2], perto de Poitiers, onde os visigodos foram destroçados e morto seu rei Alarico II (anno 507), após um reinado de vinte e trez annos, durante os quais a paz só foi perturbada no último de elles.

Alarico II, vendo que os romanos que estavam reduzidos á sua obediencia não podíam tolerar que os governassem pelos costumes e estylos bárbaros dos visigodos, mandou compilar e promulgou o código do imperador Theodosio afim de lhes dar leis proprias de elles e dispostas a seu modo, ao passo que tambem organizou para os godos outras leis

---

[1] MARCO AURELIO CASSIODORO, *Epistolario,* Cartas III e IV.

[2] CLAUDE FAUCHET, *Recueil des Antiquités gauloises et françaises,* cap. XXI e XXII.

mais adequadas aos seus ritos e costumes, as quais, com as que seu pai já promulgara, foram a base do célebre código conhecido sob o nome de *Fuero juzgo*.

CAPÍTULO X

INTERREGNO

Alarico deixara, do seu matrimonio com Teudetusa, filha de Theodorico, rei da Italia, um filho chamado Amalarico, o qual apenas contava uns cinco annos quando lhe morreu o pai.

Receosos os visigodos de que uma regencia — á qual naquellas épocas faltava a auctoridade que dá o mando proprio — fosse insufficiente para conjurar os perigos que podíam vir de Clodoveu, elegeram rei Gesaleico, tambem filho de Alarico, mas tido fóra do matrimonio [1]. Esta eleição desgostou Theodorico, o qual resolveu fazer seus os interesses dos godos, e conseguintemente os do seu neto Amalarico.

Um exército, commandado por Iba, passou os Alpes, para arrancar a Clodoveu quanto pudesse do que tinha pertencido a Alarico II. O éxito correspondeu ao empenho, e a monar-

---

[1] S. Izidoro, *Chron. Goth.*

chía visigóthica, depois de ter feito levantar, com o auxilio de Theodorico, o cêrco de Carcassona [1] recuperou o senhorio da Gasconha, toda a Aquitania, e apossou-se da Provença.

Entretanto andava Gesaleico sollicitando allianças. Como porém não as encontrasse, valeu-se de um soccorro pecuniario que lhe mandou Trasamundo, rei dos vândalos da África, para levantar um exército entre os francos, com o qual passou os Pyrenéus. Tendo-lhe os godos saído ao encontro, a umas doze milhas de Barcelona, foi derrotado e morreu na retirada (anno 510).

Receou Theodorico que os da Espanha, para se livrarem da menoridade do neto, elegessem outro rei: a fim de obstar a essa eventualidade, mandou como governador para Espanha a Theudio, e como vigario para as Gallias a Gemello, ambos varões illustres e tidos por serem de grande consciencia. Tendo assim velado pelos interesses do neto, Theodorico dedicou-se aos negocios proprios, até ao anno 512, em que morreu. Succedeu-lhe seu neto Atalarico, o qual sendo tambem de menoridade, ficou sob a tutela de sua mãe Amalasunta, filha de Theodorico, e então já viuva de Eutarico, da familia dos Amalos.

---

[1] PROCOPIO, *De Bello Gothico*, liv. I.

Esta regente confirmou a Amalarico o direito que elle tinha sobre a Gallia góthica; apesar de esta ter sido recuperada com as armas ostrogodas, e, constituindo-se em sua protectora desvelada, conseguiu que o principe chegasse á edade de poder ser eleito rei, o que succedeu no anno 526.

CAPÍTULO XI

REINADO DE AMALARICO

Amalarico, filho de Alarico, fôra educado como todos os reis godos seus predecessores no ramo do christianismo que seguía as opiniões de Ario. Ao chegar á edade núbil casaram-no com Clotilde, filha do rei franco Clodoveu, a qual professava o outro ramo de aquella religião.

De esta differença de crenças parece que resultaram dissidencias tão profundas que Clotilde se queixou a seus irmãos dos maus tratos que o marido lhe infligía. Isto fez com que Childeberto, rei de París, auxiliado pelos irmãos, invadisse a Gallia góthica, levando-a de vencida, e tirando de ella innúmeros e ricos despojos [1].

Este facto, e tambem que Amalarico foi assassinado em Narbona em 531, após cinco annos de infeliz reinado, é quanto se póde deprehender dos documentos que a respeito de este rei até nós hão chegado.

---

[1] Gregorio de Tours, *Hist. de França,* liv. III, cap. 10.

Convém notar que no reinado de este monarcha é que se celebrou o segundo concilio de Toledo [1] — facto que tem grande importancia na nossa historia, porque tais concilios tornaram-se, com o decurso do tempo, em verdadeiras côrtes nas quais se debatíam os negocios do Estado.

Precedentemente já se tinham celebrado outros concilios na Espanha, sendo o primeiro em Tarragona, com a assistencia de dezanove bispos; o segundo em Gerona com a assistencia de sete bispos; o terceiro em Lérida, e o quarto em Valencia.

Antes do concilio toledano a que acabamos de referir-nos, já Toledo tinha visto reunir-se outro dentro dos seus muros; ignora-se porém o anno em que essa reunião se effectuou porque nunca appareceram as actas de ella.

Trasladaremos aqui algumas das decisões dos concilios acima enumerados pois de ellas se faz alguma luz sobre a sociedade da época a que nos vimos referindo:

« Que os clérigos evitem as vizitas das suas parentes, e que ao fazê-las levem comsigo alguma pessoa de reconhecida virtude [2]. »

---

[1] *Concilia Toletana*, II, pag. 1.

[2] *Concilia Tarraconensia*, can. I e X.

« Que nenhum bispo receba paga pela defesa das causas, a não ser que lh'a offereçam espontaneamente. »

« Que aos bispos seja dada a terceira parte de todas as rendas ecclesiasticas [1]. »

« Que os que se ordenam tendo a esposa viva se abstenham de ter coito com ella. »

« Que os jovens que se destinam ao culto divino sejam educados em casas onde apprendam as ceremonias [2]. » Esta disposição parece indicar que a instituição dos seminarios não deve ser exclusivamente attribuida ao concilio de Trento.

---

[1] *Concilia Tarraconensia,* can. VIII.

[2] *Concilia Toletana,* II, can. I.

CAPÍTULO XII

REINADO DE THEUDIO

Theudio, que, como dissémos [1], fôra mandado por Theodorico para governador da Espanha na menoridade de Amalarico, casou na Península com uma nobre e rica celtíbera. Poderoso e magnânimo, este ostrogodo soube, com as suas liberalidades, formar-se um partido que, ao cabo de um interregno de cêrca de seis mezes, o elegeu para succeder a Amalarico (anno 532).

A historia é muda, por falta de documentos, sobre os factos que na Península se deram desde a morte do infeliz filho de Alarico até á eleição de Theudio, parecendo poder deprehender-se que a monarchía visigóthica ficou durante esse interregno sob a tutella dos reis francos, ou talvez incorporada nos seus dominios.

---

[1] Vide capitulo x.

Seja como fôr, os francos não acceitaram sem protexto a eleição de Theudio, e, para o desthronar, vieram, sob o commando de Childeberto, rei de París, e de Clotario, rei da Neustría, pôr cêrco a Saragoça.

Como hábil general, dispoz Theudio dois exércitos: um encarregado de fazer levantar o cêrco dos francos e de acossá-los em seguida na direcção dos Pyrenéus; o outro, commandado por elle proprio, para ir esperar os dois reis francos nos desfiladeiros dos Pyrenéus, onde esperava que ficaríam colhidos entre o exército que os esperava e aquelle que os perseguía. Esta táctica teve o melhor dos éxitos, pois os francos voltaram dizimados para os seus quarteis [1].

Embriagado pela victoria, e considerando que os godos não elegíam os seus reis para estes se entregarem ao ocio, mas sim para os guiar na guerra, resolveu Theudio ir em soccorro dos vândalos de África, que Belisario, general de Justiniano, imperador do Oriente, tinha muito apertados. Foi desgraçado nesta empreza, porque derrotado em Ceuta, logo ao emprehender a campanha, teve Theudio de regressar a Espanha, onde

---

[1] Lucas Tudense, *Chronicon Mundi*, liv. II.

foi assassinado em 548, após dezaseis annos de glorioso reinado.

Com a sua morte coïncidiu em África o aniquilamento do reino vândalo que durante cento e vinte annos lá subsistira.

CAPÍTULO XIII

REINADOS DE THEODISELO, AGILDO E ATANAGILDO

Theodiselo, general que o defuncto rei tinha levado comsigo quando foi esperar nos Pyreneus o exército dos francos, era sobrinho de Totila, rei dos ostrogodos da Italia [1]. Devido a ser de tão nobre estirpe recairam nelle os votos dos visigodos na eleição a que procederam para dar successor a Theudio.

Apenas se viu investido no poder, Theodiselo deu rédea á suberba e á lascivia que o dominavam, chegando a mandar matar secretamente os maridos das mulheres que desejava possuir, ou tão só assacá-los de qualquer crime pelo qual pudessem ser condemnados á morte [2]. Tendo-se tornado portanto excessivamente odioso, os nobres, irritados contra o seu procedimento, apunhalaram-no num banquete que lhe deram em Sevilha, ao cabo de uns dezoito mezes de reinado (anno 548).

---

[1] J. Mariana, *Hist. de Hesp.*, liv. v, cap. 8.

[2] J. Magno, *Gothor. Hist.*, liv. xvi, cap. 5.

Acto continuo deram-lhe alli mesmo por successor a Agildo, nobre de cuja orígem e reinado apenas se sabe que logo depois de ser eleito se viu a braços com a guerra civil, causada provavelmente pelos partidarios que entre os nobres godos podía ainda ter o assassinado Theodiselo. Talvez que nem guerra civil fôsse, mas sim alguma sublevação indígena com a qual os celtíberos pretendessem impôr-se aos desregramentos que na côrte se íam introduzindo. Em todo o caso, quer se tratasse de um simples pretexto, quer de manifestação mais grave, o fóco da discordia era Córdova, e contra ella marchou o novo rei, cercando-a com tão pouca felicidade que, numa sortida dos sitiados, o cêrco foi interrompido e morto um filho do monarcha, sendo este despojado da rica bagágem de que se fizera acompanhar [1].

Mal succedido em Córdova, Agildo retirou-se para Mérida, onde a adversidade continuou a persegui-lo suscitando-lhe um inimigo em Atanagildo, general ambicioso, que, para se fazer proclamar rei pelo exército, pedíu auxilio ao imperador Justiniano [2], offerecendo-

---

[1] RODRIGO TOLEDANO, *De Rebus Hispan.*, liv. II, cap. 13.

[2] S. IZIDORO, *Gothorum Chronicon*; LUCAS TUDENSE, *Chronicon Mundi.*

lhe em troca uma parte da Península. Tendo o imperador grego acceitado a proposta, mandou á Espanha um exército byzantino, sob o commando de Liberio, o qual, em Sevilha, venceu e derrotou Agildo (anno 554) [1].

Reconhecendo os visigodos o damno que á nação podia advir da sua divisão em partidos, o de Agildo e o de Atanagildo, tendo ambos Constantinopla por inimigo commum, resolveram desfazer-se de aquelle rei, o que levaram a cabo em Mérida, assassinando-o, segundo uns, no terceiro anno do seu reinado [2], ou, segundo outros, depois de elle ter exercido a chefatura durante cinco annos e meio — sendo esta última opinião a que foi admittida pelos chronistas alcobacenses [3].

Logo depois do assassinio de Agildo, foi Atanagildo reconhecido rei pelos visigodos, sem excepção de classes, pois todos anciavam ver a Península livre dos gregos que a ella tinham sido chamados por aquelle mesmo em que agora esperavam encontrar energía sufficiente para os despedir, visto que tendo satisfeito as suas miras ambiciosas já de elles não

---

[1] RODRIGO TOLEDANO, *De Rebus Hisp.*, liv. II, cap. 13.

[2] S. IZIDORO, *Chron. Goth.;* LUCAS TUDENSE, *Chronicon mundi;* RODRIGO TOLEDANO, *De Rebus Hisp.*, liv. II, cap. 13.

[3] JOÃO VASA, *Hist. Chron.*, anno 549.

precisava. Este proceder, iniquo hoje, não era de admirar naquelles tempos, visto que os visigodos podíam, sem ruborizar-se, allegar que a palavra de Atanagildo dada na necessidade não se devía cumprir fóra de ella, ou que o rei legítimo de hoje não estava obrigado a observar as promessas do pretendente que fôra.

Tal devía de ser tambem a opinião de Atanagildo, pois não tardou a entrar em desacordo com o imperador byzantino. Nessa lucta, porém, — se attendermos ao silencio dos chronistas — ou não foi muito feliz ou não se empenhou assás, talvez por recear que, numa guerra com Justiniano, não seríam os visigodos que levassem a melhor.

Atanagildo, que alguns escriptores dizem ter sido o primeiro rei não ariano dos visigodos, tratou de estreitar allianças com os reis francos da Gallia, dando suas filhas Brunehilde (a infeliz *Brunehaut* dos francezes) em casamento a Sigeberto da Austrasía, e Galsvinda a Chilperico I, da Neustría. Estas duas princezas, cujas desgraças as tornaram célebres na historia, tiveram de haver-se com a ambiciosa Fredegunda [1], primeira-

---

[1] Esta era uma criada de Androveria, primeira esposa de Chilperico, o qual se enamorou de ella. Uma ambição cega

mente amante e depois esposa e assassina de Chilperico, a qual mandou estrangular Galsvinda e se empenhou em denegrir e arruinar Brunehilde, que acabou por ser arrastada á cauda de um poldro.

De nenhum outro facto da vida de Atanagildo se faz menção nas chrónicas que até nós chegaram. Sabe-se porém que este rei fixou a sua côrte em Toledo, onde morreu em 567, após quinze annos e meio de reinado [1].

---

fê-la praticar os maiores crimes para chegar a sentar-se no throno da Neustría. Entre as suas victimas contam-se a propria Androveria, Galsvinda, Brunehilde, S. Pretextato, arcebispo de Ruão, e o proprio marido.

[1] Fr. Aimoins, *De Gestus francorum*, liv. IV, cap. 1.

CAPÍTULO XIV

REINADOS DE LUIVA E LEOVIGILDO

Desde a morte de Amalarico (anno 531), os visigodos vinham contra seu costume elegendo os reis fóra da familia dos Balthos, quer fôsse porque ella estivesse prestes a extinguir-se, quer por qualquer outra razão que os chronistas não mencionam. Seja porém a causa qual fôr, o caso é que, morto Atanagildo, os visigodos dividiram-se em facções, cada uma das quais tinha o seu candidato á corôa: visigodo o de uns, ostrogodo o de outros, e talvez tambem algum franco apresentado pela intriga em que todos os bárbaros eram eximios. Entre as facções havía porém uma cujo candidato, Luiva, devía despertar a fibra patriótica dos visigodos, posto que elle era descendente directo da familia dos Balthos, e se apresentava patrocinado por Fonda, visigodo da mais alta gerarchia.

Nada sabemos das luctas que entre os differentes partidos se hajam provavelmente dado naquella conjunctura, devendo porém ter sido

de importancia posto que só ao cabo de um prolongado interregno [1] é que Luiva conseguiu prevalecer sobre todos os seus competidores.

Este chefe tinha porém degenerado da inclinação cordata e guerreira dos seus antepassados. Em vez de se occupar do engrandecimento da nação procurando ensanchar-lhe os limites, confinou-se em Narbona, e abandonou-se ao ocio, que os visigodos tanto odiavam; e, para que no seu socego fôsse o menos perturbado possivel, dividiu o reino, ao cabo de um anno de governo, em duas partes, ficando elle com a Gallia góthica, e dando a Espanha a Leovigildo, seu irmão, afim de este a defender contra as pretenções e os ataques das armas imperiais de Byzancio que, de auxiliares, se tinham convertido em inimigas [2].

Com muito descanso e pouca gloria viveu Luiva uns trez [3] ou cinco [4] annos, não se sabe ao certo, ficando todo o reino visigodo, quando elle morreu, sob a chefatura de Leovigildo, o qual, de genio differente ao do irmão, longe de se recrear no ocio, se dedi-

[1] Mariana, *Hist. de Hesp.*, liv. v, cap. 9.

[2] Rodrigo Toledano, *de Rebus Hisp.*, liv. ii, cap. 14.

[3] S. Izidoro, *Chron. Goth.*

[4] João Vasques, *Historiae Chronicon*, ann. 567.

cou á guerra, movendo-a primeiramente contra as facções visigóthicas que não tinham ficado satisfeitas com a eleição de Luiva. De esta guerra que foi, segundo se crê, a primeira das guerras civís que na Península se deram, saíu victorioso o rei Leovigildo, desbaratando os insurrectos primeiramente nos campos de Baeza e pouco depois em Málaga, que tomou, e por ultimo em Medina Sidonia. Pacificado o sul, percorreu o centro da actual Castella a Velha e a Viscaya, na qual os celtas continuavam defendendo tenazmente a sua independencia; de ahi passou á Aquitania, onde um certo Alpidio se levantara contra elle.

Feliz em todos os emprehendimentos que acabamos de mencionar, Leovigildo volveu o olhar cubiçoso para o reino suevo, a cujo rei Ariomiro quiz declarar guerra sob pretexto de religião, pois este, como todos os suevos, era cathólico romano, ao passo que o rei visigodo, como todos os grandes da sua nação, era da communhão ariana.

As hostilidades não chegaram porém a romper-se porque Leovigildo viu-se obrigado a distraír a sua attenção para outra parte ao ver-se inesperadamente atacado por um exército que o imperador Justino mandava á Espanha para occupar as provincias a que se suppunha com direito por terem perten-

cido ao imperio. Do resultado de esta guerra nada dizem os historiadores, mas é provável que fosse favorável aos visigodos posto que os gregos não permaneceram na Península nem deixaram nella nenhum presidio.

Qual sería, depois de esta campanha, o estado da Península em geral, não se sabe ao certo; parece comtudo que as discordias continuavam entre os visigodos, sendo muito provável que o descontentamento proviesse da preponderancia que o clero pretendía ter, tornando-se dirigente dos negocios, e da reacção que contra essa pretenção elevava o povo que día a día vía os seus costumes alterados pela lei escripta á qual os seus antepassados sempre tinham sido tão oppostos.

Tal foi, provavelmente, a razão por que Leovigildo — obrigado a suffocar varias rebelliões que por este tempo se manifestaram num e noutro ponto do reino — se viu na impossibilidade de occupar-se por então da conquista do reino suevo, a qual tanto a peito desejava levar a cabo para unificar o seu poder em toda a Península.

Acontecimentos de outra ordem veem nesta altura para serem relatados, por não só serem importantes em sí, senão porque fazem alguma luz sobre a vida moral da familia e na social da nação.

Leovigildo casou duas vezes: a primeira esposa foi Theodosia, irmã de trez varões que foram canonizados: S. Izidoro, S. Fulgencio e S. Leandro, os quais tambem tiveram uma irmã canonizada, Santa Florentina. O segundo matrimonio effectuou-o Leovigildo com Gosvinda, viuva do rei Atanagildo, seu predecessor.

Do primeiro matrimonio houve dois filhos, Ermenegildo e Recaredo, os quais associou ao governo para intentar estabelecer de facto a successão á coroa — reconhecendo, pelos successos que precederam e pelos que se seguiram á eleição de seu irmão Luiva, o perigo que havía em deixar ao arbitrio dos grandes e dos chefes do exército a eleição dos soberanos.

Para assegurar a paz da nação com os reis que então dominavam na Gallia, casou Ermenegildo com Ingunda, filha de Sigisberto, rei da Austrasía. Como esta princeza era cathólica, e o marido se achasse muito apaixonado por ella, este abjurou o arianismo em que tinha sido educado. Esta abjuração não foi de agrado de Leovigildo, e por isso mesmo derivaram de ella odios domésticos e dissenções tais que levaram o pai e o filho a prepararem-se para a guerra civil — aquelle reunindo todas as forças que lhe tinham ficado

fieis, e que eram a maioria do exército; o filho, pedindo ao imperador Tiberio que o auxiliasse, em troca de concessões de territorio que antecipadamente lhe fazía, dando em refens, como penhor das suas promessas, a propria esposa Ingunda, e o filho de ella havido, Theodorico.

Entre estes preliminares e o rompimento, que não chegou a effectuar-se, das hostilidades, não se sabe o que se passou. E' porém para suppôr que Leovigildo, arteiro e político, soube attraír á sua causa os chefes do exército imperial que o vinham combater, e assim ficou Ermenegildo sem a mulher, sem o filho, e sem a força com que contava, tendo ainda por cima de indemnizar o imperador das despezas que a expedição lhe originara.

Entretanto ía Leovigildo precavendo-se contra quaisquer futuros successos que o pudessem molestar, pois nem se fiava na paz apparente que o filho lhe concedía, nem confiava demasiado na adhesão que os seus partidarios até então lhe não tinham negado. Arteiro e político, como já dissémos e se comprehende que era, procurou na religião o apoio que conhecía ser-lhe necessario. Reuniu em Toledo um concilio ariano no qual fez declarar aos prelados que o compunham que « Na santíssima Trindade o Filho era egual ao Pai », pela

qual declaração muitos partidarios da doutrina romana se apartaram de Ermenegildo por verem que no ponto principal os arianos estavam de accordo com os concilios.

Ermenegildo vendo-se desamparado foi refugiar-se em Sevilha; o odio do pai foi porém persegui-lo até alli: feito prisioneiro e encerrado numa torre lá foi degollado por ordem do rei [1]. Pretendem outros que o rei se fez acompanhar pelo filho até Toledo, mandando-o depois desterrado para Tarragona, onde o assassinaram [2].

Vendo os gregos que a sua vinda á Península não lhes dera mais despojos que o ouro com que Leovigildo os corrompera ou pagara, voltaram-se a Constantinopla levando comsigo a esposa e o filho de Ermenegildo, personagens das quaís nenhum historiador volta a falar.

De este acontecimento valeram-se Childeberto, rei da Austrasía, irmão de Ingunda, e Gontrão, seu tio, rei da Borgonha e de Orleans, para moverem guerra aos visigodos — apparentemente sob pretexto de vingar a affronta feita á princeza, mas, na realidade, para satisfazer o desejo de se apossarem da

---

[1] S. Gregorio, papa, *Diálogos*, liv. III, 31.
[2] João, abbade biclarense, *Chronicon*.

Gallia góthica, desejo que não puderam satisfazer porque Leovigildo os venceu, levando-os seu filho Recaredo de batida pela França dentro.

Prevendo que com esta victoria já nada tinha a recear da parte dos francos, Leovigildo tornou a lançar os olhos para o reino dos suevos, de esta vez porém com pretexto differente do da religião. Foi o caso que tendo Andeca, nobre suevo, usurpado a coroa a Eborico [1], obrigando-o a professar num mosteiro, valeu-se Leovigildo da occasião para entrar na Galliza com um exército destinado, dizia elle, a reintegrar no throno o rei desthronado. Vencido o usurpador, levantou-se logo outro para o substituir, o qual, sendo tambem vencido pelo rei godo, lhe proporcionou o ensejo de reunir o reino suevo aos seus Estados, para assim impedir que elle continuasse a servir de alvo ás ambições dos nobres de aquelle povo.

Tal foi o modo como ao cabo de mais de cento e setenta annos de existencia desappareceu de Espanha o dominio dos suevos, cujos últimos reis convocaram o segundo concilio de Braga e o segundo de Lugo.

---

[1] S. Izidoro, *Chron. Suevorum.*

Além de ser guerreiro, Leovigildo tambem foi legislador — causa do desagrado que o seu povo lhe manifestou pelas razões anteriormente indicadas.

Edificou a cidade de Victoria, assim como outra a que os chronistas dão o nome de Reccopolis, presumindo alguns ser a actual Ojeda.

Leovigildo foi o primeiro rei visigodo que usou os emblemas da realeza: sceptro, diadema e manto.

Morreu em Toledo ao cabo de dezoito annos de reinado, tendo, nos últimos tempos da vida, julgado conveniente á sua politica converter-se ao catholicismo romano.

CAPÍTULO XV

REINADOS DE FLAVIO RECAREDO E LIUVA

Recaredo, o primeiro dos reis visigodos que tomou o nome de Flavio, que quasi todos os seus successores adoptaram depois, succedeu a seu pai Leovigildo em 585, declarando-se tão abertamente cathólico que mandou reunir em Toledo todos os livros arianos que andavam espalhados pela Península, para fazê-los queimar.

Todos os escriptores são unânimes em elogiar este príncipe, clemente, liberal, prudente e pio, que soube conservar com a paz o que seu pai tinha conquistado com a guerra, ao passo que governou o reino com justiça e moderação.

Gontrão, rei de Borgonha, intentou por duas vezes (a última em 588) arrebatar aos visigodos a Gallia góthica; foi porém mal succedido nas duas emprezas [1], o que contribuíu para tornar respeitado o poder de Reca-

---

[1] Fauchet, *Antiquités et Hist. des Gaulois,* liv. IV, chap. 2.

redo, sem isso o impedir de dedicar-se com attenção aos negocios internos da nação.

Este rei reuniu em 589 um concilio em Toledo, o qual foi o terceiro concilio toledano; a elle concorreram sessenta e nove prelados, entre os quais se contaram cinco metropolitanos: os de Toledo, Braga, Mérida, Sevilha e Narbona. Presidiu-o S. Leandro, metropolita de Sevilha. Este concilio, por nelle se terem debatido tanto assumptos sagrados como profanos, pode ser tido em conta das primeiras côrtes gerais que os reis visigodos reuniram, pois no successivo não foram só prelados que tomaram parte nestas assembleias, mas tambem os grandes, os ministros, os juizes e os officiaes do patrimonio real. Nas actas de este terceiro concilio encontra-se já a assignatura de trez seculares chamados Fonsa, Afrila e Achila.

Recaredo tendo perdido sua esposa Bada, contraíu segundas nupcias com Clodosvinda, irmã de Childeberto, rei de França, o que permittíu ao rei visigodo não tornar a ver o seu reinado perturbado com as ambições dos francos a respeito da Gallia góthica.

Recaredo pretendeu acabar de expulsar da Península os romanos e gregos que por ella ainda andavam espalhados: parece que não o poude conseguir completamente, mas coube-lhe

trazer á obediencia os indómitos Vasconsos [1], que fazíam contínuas correrías pelas provincias que lhes ficavam mais próximas.

Varios concilios, além de aquelle que acima fica mencionado, se reuniram no reino visigóthico durante o reinado de este principe, sendo um de elles em Narbona, e os restantes em Sevilha, Saragoça, Huesca e Barcelona. Em Toledo houve outro, que não entra no número dos classificados, porque as suas actas foram achadas posteriormente ao catálogo que de elles se fez.

Após um reinado glorioso e feliz, veiu Reccaredo a morrer em Toledo no anno 601, deixando provado aos visigodos que uma nação pode ser forte e rica sem necessidade de se metter em aventuras guerreiras.

Succedeu-lhe seu filho Liuva, que apenas chegou a reinar dois annos, sem que neste tempo os seus actos merecessem menção especial. Foi assassinado por Viterico, que lhe succedeu (anno 603).

---

[1] S. IZIDORO, *Chron. Goth.*; RODRIGO TOLEDANO, *De Rebus Hisp.*, liv. II, cap. 15.

CAPÍTULO XVI

REINADOS DE VITERICO E DE GUNDEMARO

Viterico, de Mérida, tinha sido um jovem turbulento que se tornara saliente na Lusitania. Como elle e alguns amigos seus não se conformassem com o ocio em que a paz deixava aquelles que por índole aspiravam ás emprezas militares, foi creando entre os irrequietos um partido que acabou por acceitá-lo como chefe. Foi á frente de esse partido que Viterico, não podendo decidir Liuva a nenhuma expedição guerreira, ergueu o grito de rebellião, apunhalou o monarcha, e se fez acclamar rei dos visigodos.

O seu reinado durou uns sete annos, durante os quais o monarcha perdeu aquelles ardores guerreiros que de elle tinham feito um assassino. Em primeiro logar não soube vencer as tropas imperiais que Byzancio, sob fúteis pretextos, fez desembarcar na Península, e que nella teríam permanecido se não fôsse uma sublevação popular que perto de Sigüenza as desbaratou completamente, perseguindo-as até

as obrigar a fazerem-se ao mar rápida e vergonhosamente.

Em segundo logar cobríu-se de vergonha não tirando desforço do insulto que lhe fez Theodorico, rei da Borgonha, que, no dizer de Aimoin [1], lhe devolveu, sem com ella cohabitar, a filha Hermemberge, que Viterico lhe offerecera em casamento, ficando porém com as joias e dinheiro que a esposa lhe levara em dote.

Estas provas de fraqueza tornaram Viterico odioso a todos os partidos, inclusivamente áquelle que o elevara ao throno, e do qual saíu a mão que lhe vibrou a morte no anno 610.

Era tal a aversão e o despreso que o povo sentía por este rei, que depois de morto lhe arrojaram o cadáver a um logar immundo [2].

Gundemaro, chefe da sedição regicida, foi eleito rei, e ungido em Toledo por Aurasio, que então occupava aquella séde metropolitana. Esta ceremonia da sagração tinha sido até áquelle dia ignorada entre os visigodos, autorizando-se porém Gundemaro com ella, provavelmente para grangear a benevolencia do clero, ao qual, no decurso do seu curto

---

[1] *De Gestis Francorum*, liv. III, cap. 94.

[2] S. Izidoro, *Goth. Chron.*; Lucas Tudense, *Chronicon Mundi*, ann. 644; João Magno, *Goth. Hist.*, liv. XVI, cap. 12.

reinado, concedeu grande número de regalías, entre as quais se destaca a immunidade ecclesiástica na Península [1], e a lei da inviolabilidade dos templos concedida em favor dos que a elles se acolhessem.

No seu reinado reuniu-se um concilio em Toledo para nelle se decidir a qual das sédes pertencia a primazía da provincia Carthaginense, se á de Toledo, capital da monarchía, se á de Cartagena onde residía o metropolitano antes de aquella cidade ser destruida por Gunderico, rei dos Vândalos.

Esta circumstancia revela claramente que no século VII não era o arcebispo de Toledo considerado primaz das Espanhas, posto que, se o fôsse, não lhe disputaríam a primazía sobre uma das suas provincias. Nada milita porém em favor de esta primazía para Braga, maiormente sabendo-se que Santiago, Tarragona e até Narbona se julgavam com direito a ella.

O reinado de Gunderico durou apenas vinte mezes, durante os quais só teve de tomar as armas uma vez para suffocar uma rebellião dos Vasconsos.

---

[1] ALPHONSI, *Anacephalœosis*, cap. 30.

CAPÍTULO XVII

REINADOS DE SISEBUTO E DE RECAREDO II

Durante o reinado de Gundemaro muitas cidades visigóthicas tinham-se manifestado em favor dos descendentes dos Balthos, em cujas mãos pretendíam repôr o sceptro; os grandes, porém, e o clero sobre tudo, tomaram voz por Sisebuto, e elegeram-no logo depois da morte de Gundemaro (anno 612). Esta eleição foi seguida de sublevações que o novo rei teve de ir reprimir, sendo as mais importantes as que se deram nas Asturias e na região da actual Rioja. Suffocadas estas rebelliões, e para impedir que outras se originassem pela mesma causa, tomou Sisebuto para seu coadjuctor a Suintila, filho do rei Recaredo, conseguindo assim acalmar um tanto a má vontade dos visigodos devotados á familia dos seus antigos chefes.

Parece que os gregos que no reinado de Viterico vieram á Península conseguiram ficar presidiando alguns pontos não só na costa do estreito de Gibraltar e nas suas immediações

como tambem nas costas da Lusitania. Esta intrusão offendía o brío nacional dos visigodos, e Sisebuto, para atraír-se as sympathías do povo, levantou um exército com o qual expurgou toda a Península do elemento estrangeiro.

Como a cordura dos visigodos se tivesse coadunado com a sensata desambição dos celtíberos, a Península tinha parecido, durante o último século, um seguro abrigo aos infelizes judeus que desde a destruição de Jerusalém eram mal vistos por todo o mundo que tinha abraçado o catholicismo, e do qual, por toda a parte, eram repellidos. Vindo alguns á Espanha, para nella traficar, encontraram, senão a benevolencia, pelo menos uma indifferença que lhes presagiava uma relativa tranquillidade se nella se estabelecessem. Assim o fizeram, e como a sua civilização e industria eram agradáveis ao povo, vieram familias e familias fixar-se na Península. Lisboa foi um dos pontos a que maior número convergiu, já porque o clima lhes era agradável, já porque os Lusitanos não tinham, ao que parece, naquelle tempo, o mínimo fanatismo religioso.

A' sombra da tolerancia foi o elemento judaico prosperando em bens, e em pouco menos de um século tinham os judeus, pelo

seu trabalho e pela sua actividade, tornado-se senhores de uma boa parte do solo, podendo dizer-se que, pela fortuna, eram elles que no principio do reinado de Sisebuto, gozavam de maior preponderancia.

O clero, porém, desde que entre os visigodos se iniciara a discordia política que tinha levado a chefatura do Estado para outros que não eram da familia dos Balthos, tinha vendido aos reis intrusos a sua benevolencia em troco de todas as concessões que lhes pudera arrancar. Uma de ellas, aquella em que mais se empenhavam, era a expulsão dos judeus e a consequente confiscação de seus bens em favor da Egreja. Nenhum dos reis predecessores de Sisebuto tinha tido a audacia do facto que lhe impunham; elle, porém, reconhecendo que a chefatura da nação periclitava na sua pessoa se por um acto qualquer não se attraísse o favor do clero, obrigou os judeus a abraçarem o catholicismo, sob pena de expulsar de toda a Península e da Gallia góthica quantos não obedecessem á sua injuncção, e se recusassem a receber o baptismo. Aos remissos rapava-se-lhes a cabeça, davam-se-lhes cem açoutes e confiscavam-se-lhes os bens, motivo pelo qual todos os chronistas cathólicos exaltam muito o zêlo religioso de este rei.

A' parte estas mesquindades, Sisebuto foi um homem de iniciativa que procurou o engrandecimento da patria. A África fronteira ás costas peninsulares chamou-lhe particularmente a attenção, e para a investir, mandou organizar uma forte armada e instruir os visigodos na arte náutica. Assim conseguíu passar á Mauritania Tingitana, onde estabeleceu presidios que, menos de um século depois, deviam originar a vinda dos árabes á Península.

Sisebuto fez de Evora a sua segunda capital, reconstruindo-a e fortificando-a. A elle tambem se deve a reunião do segundo concilio de Sevilha, no qual foi condemnada a doutrina dos *acéphalos*.

Após oito annos e meio de reinado morreu este rei, succedendo-lhe Recaredo II, seu filho (anno 621), que a morte arrebatou ao cabo de trez curtos mezes de reinado.

CAPÍTULO XVIII

REINADOS DE SUINTILA, SISENANDO, FLAVIO CHINTILA E TULGA

Flavio Suintila foi eleito rei pelos visigodos, não só por já ter sido coadjuctor de Sisebuto, mas tambem por ser filho de Recaredo, rei da familia dos Balthos.

Nas funcções que já tinha exercido, Suintila tinha dado provas de grande valor e de arrojado capitão. Nos primeiros tempos do seu reinado não desmereceu de essa fama, pois chegou a subjugar os gascões e a limpar completamente as costas da Península dos presidios que o Imperio tinha conseguido reestabelecer na Espanha quando Atanagildo pediu ao Oriente que o auxiliasse para desthronar o rei Agila. Conseguiu tambem reduzir os cântabros á obediencia, deixando-lhes porém conservar os seus antigos foros e ritos.

Desconfiando sempre da boa fé dos francos, Suintila fundou as cidades de Olite, na Navarra, e de Fuentarabía, perto da foz do

Bidassoa, para lhe servirem de pontos avançados que puzessem a Península ao abrigo das surprezas de aquella nação.

Depois de estes factos, só de si sufficientes para engrandecer o nome de Suintila, caíu este rei no desagrado geral por se deixar guiar pelos conselhos da esposa, Theodora, e de seu irmão Agilano [1]. Desgostoso, abdicou o sceptro em favor de Sisenando (anno 631).

Este systema de successão desgostou profundamente os visigodos, sempre zelosos do privilegio que tinham de serem ouvidos na eleição do rei. Houve dissidencias que originaram discordias e tumultos, o que obrigou Sisenando a valer-se da protecção de Dagoberto, rei de França, para este o ajudar a manter-se no poder.

São muito obscuras e discordes as chrónicas daquelle tempo para que seja possível desvendar as consequencias do facto, e até se o proprio facto se deu. O que é certo é que no anno 633 o quarto concilio de Toledo reconheceu Sisenando por rei [2], certamente em troca de novas concessões e regalías, pois o clero, naquella época, já em

[1] Mariana, *Hist.*, liv. vi, cap. 4.

[2] *Concil. Tolet.*, can. 75.

todo o orbe cathólico postergava o direito ao interesse proprio.

Sisenando morreu em Toledo ao cabo de trez annos e dois mezes de reinado.

Chintila succedeu a Sisenando, e reinou trez annos sobre os visigodos. Os chronistas apenas se referem a este rei para notificar que foi elle que mandou convocar em Toledo os concilios quinto e sexto, nos quais se decretou que a corôa, no successivo, só podía ser accessível aos visigodos nobres, e que o rei eleito, antes de sentar-se no throno, devía jurar que guardaría e faría guardar a religião cathólica, e que não consentiría nos seus Estados nenhuma pessoa que a não seguisse e observasse.

Foi Tulga quem succedeu a Chintila no anno 639. Reinou apenas dois annos, sem que dos historiadores se possa inferir senão que foi muito recto e religioso [1].

---

[1] S. Ildefonso, *Chron.*

CAPÍTULO XIX

REINADOS DE CHINDASVINTO E DE RECESVINTO

Apesar dos concilios de Toledo terem decretado, e do uso ter estabelecido, que só pela eleição se podía ascender ao throno, conseguiu Flavio Chindasvinto sentar-se nelle pela força das armas, pois como descendente do rei Recaredo conseguira tornar-se chefe de um partido muito numeroso.

De nenhum feito notável de este rei se faz menção nas chrónicas de aquelles tempos; sabe-se porém que, com consentimento dos eleitores, nomeou para seu successor a Recesvinto, seu filho, no qual abdicou em 649 para poder retirar-se á vida privada.

Flavio Recesvinto, ao cabo de cinco annos de reinado obscuro, reuniu o oitavo concilio de Toledo. Esta assembleia chegou a reunir sessenta e dois bispos, déz abbades e seis condes, afora as principais dignidades da sé de Toledo. Uma das suas decisões derrama muita luz sobre o estado social da Península naquella época. Considera o concilio que a

dominação dos reis precedentes havía sido pesada e dura de soffrer, pois elles mais se tinham occupado em destruir os súbditos que em conservá-los e deffendê-los, visto que os despojavam para se enriquecerem e enriquecer os seus, resultando que nem os de baixa condição tinham com que viver nem os grandes se podíam sustentar dignamente, achando-se as casas despojadas, os campos talados, os patrimonios destruidos, e as fazendas em tal estado que nem ao fisco podíam aproveitar.

Ordena portanto que tudo quanto o rei Chindasvinto houvesse adquirido desde o día em que principiou a reinar se reservasse para os seus successores, não podendo nenhum monarcha no successivo dispôr em favor dos seus herdeiros ou legatarios senão do que lhe pertencesse antes de esse día. Ordena tambem que logo que o rei venha a fallecer se reunam os bispos e os ministros do Palacio para lhe elegerem successor.

Dois annos depois reuníu-se em Toledo o nono concilio, e no anno seguinte o décimo. Foi neste que se apresentou Podamio, arcebispo de Braga, o qual confessou entre lágrimas e soluços que tinha commettido um peccado carnal com uma mulher, motivo porque deixara voluntariamente de administrar a sua egreja e diocese, vivendo desde então retirado

num carcel para redimir a culpa. A espontaneidade da confissão e a voluntaria penitencia que o prelado se impuzera, moveu o concilio a misericordia, e por isso Podamio foi *apenas* condemnado a fazer penitencia perpetua e a ser privado da sua egreja, que foi dada a São Fructuoso, bispo dumiense.

Foi no reinado de Chindasvinto que santa Irene, virgem lusitana, morreu a mãos do nobre Britaldo, que a quería desposar á força. O cadáver da víctima foi, segundo a lenda, arrojado ao rio Nabão, apparecendo alguns días depois nas margens do Tejo, próximo a Scalabis, pelo que esta cidade passou a chamar-se Santarém [1].

Tambem foi n'este reinado que floresceu S. Ildefonso, o qual, diz Luitprando, foi pouco agradável ao rei e á côrte porque reprehendía os vicios de todos. Este prelado disputou vantajosamente, no dizer dos chronistas, com Pelagio e Teudio que desde a Gallia góthica passaram á Península atacando a pureza da Virgem María.

---

[1] João Vasques, *Hispan. Chron.*, anno 653; Baronio, *Martyrologium,* 20 de outubro; Ambrosio Morales, *Hist. hispanica,* liv. XII, cap. 36; Padilha, *Hist. ecclesiastica,* cent. VII, cap. 37.

Como facto importante, contemporaneo de este rei, deve mencionar-se o incremento que na África íam tendo as armas musulmanas, as quais já circumdavam os limites da Mauritania tingitana que desde o reinado de Siseberto permanecía sob o dominio dos visigodos.

Recesvinto, ao voltar de uma expedição com que foi suffocar uma sublevação dos sempre indómitos vasconsos, morreu em Gertico, perto de Valladolid, tendo governado cerca de vinte e dois annos (anno 672).

CAPÍTULO XX

REINADO DE VAMBA

Não tendo Recesvinto deixado filhos e não recaindo em nenhum de seus irmãos a maioria dos votos dos eleitores, concordaram todos em offerecer a chefatura suprema da nação a Vamba, membro tambem da familia dos Balthos e parente próximo do fallecido rei.

Vamba, mais inclinado ao mysticismo do que ás armas, recusou desde logo acceitar o pesado cargo que lhe impunham, allegando que a sua avançada edade não lhe permittiría sustentar devidamente o peso do governo. Instado porém, e até ameaçado por um guerreiro de ter de acceitar o sceptro ou de morrer, Vamba acabou por se decidir, não por temor á ameaça, mas « por se persuadir que uma força superior tinha movido aquelle capitão a falar-lhe assim » [1].

Não foi esta eleição muito bem acolhida por todos, pois a muitos pareceu que não

---

[1] Julião Toledano, *Wambae Historia*.

merecía a corôa quem de ella se julgara indigno. Foi talvez devido a essa opinião que os irrequietos vasconsos se sublevaram mais uma vez logo no principio do novo reinado, e que outra sublevação, mais formidável que nenhuma das precedentes, estalou na Gallia góthica, onde Hilderico, governador de Nîmes, recusara abertamente reconhecer Vamba como rei, sendo seguido na sua recusa pelos principais da nobreza e pelo clero.

Vendo-se a braços com duas rebelliões, decidiu-se Vamba por marchar elle proprio contra os insurrectos da Vasconia, ao passo que investía no mando de um forte exército que enviava á Gallia o general Paulo Homem, grego de nação, apesar de ter por mãe uma dama de nobre estirpe visigóthica. Este general foi traidor ao rei, pois logo se bandeou com os sublevados que ía encarregado de combater, e tanto se insinuou nas boas graças do clero e da nobreza que foi proclamado rei. Esta acclamação foi sanccionada pela vontade de toda a Gallia góthica, e a ella adheriu tambem a Catalunha, que ficou por um momento desmembrada do governo de Toledo.

Estas desgraças, originadas pelas péssimas administrações precedentes, eram o protesto de um povo que mostrava o seu descon-

tentamento ao ver, de ha muito, as grandes acções sem premio, e os grandes crimes sem castigo. Ademais, todos estavam cansados de pagar tributos para gastos inúteis e superfluos, de ver a justiça mal administrada e a auctoridade real desprestigiada [1].

Transformados de guerreiros ambulantes em camponezes amantes do solo, os visigodos tinham perdido o costume de procurar a riqueza com a ponta das lanças, e queriam radicar-se no hábito de a adquirir com a charrua ou com a procreação dos seus gados; os tributos porém esmagavam-nos, e esses tributos, longe de servir para engrandecer a patria, íam avolumar as riquezas de uns poucos que se tornavam tanto mais tyrannos quanto as regias liberalidades lhes augmentavam os bens e o poder.

Perante tais desgraças sentiu o ancião Vamba reanimá-lo um ardor de juvenil campeão. Entrou pela Vasconia, onde, talando e abrasando campos e logares, conseguíu, no curto espaço de sete días, que os chefes insurrectos lhe pedissem a paz [2]. Concedeu-a benignamente o rei, e tendo recebido em

---

[1] Saavedra Faxardo, *Corona Got.*, cap. 26.
[2] Mariana, *Hist.*, liv. vi, cap. 12.

refens os principais da nobreza vasconsa, bem como as contribuições que impoz, marchou por Calahorra e Huesca para entrar na Catalunha, em cujos confins dividiu parte do exército em trez corpos, dos quais mandou um pela Cerdenha, outro por Vich, e o terceiro pelo littoral, seguindo elle após este com o grosso das forças.

Relataremos aqui, como facto elucidativo dos costumes de aquella época, que tendo chegado ao conhecimento de Vamba que alguns soldados havíam commettido adulterios e excessos com donzelas, lhes mandou cortar os prepucios [1].

Sem grande difficuldade rendeu Vamba toda a Catalunha, donde logo proseguíu até entrar na Gallia góthica, que foi submettendo, cidade por cidade, até ficar só Nîmes a arvorar o pendão rebelde. Nesta cidade tinha-se refugiado Paulo Homem, que nella se defendeu heroicamente. Caindo alfim em poder do rei visigodo, Vamba lhe perdoou a vida bem como a todos os rebeldes, mas degradou os chefes da nobreza mandando que lhes rapassem a cabeça, o que então constituía a maior das humilhações, e limitou-se a não infligir

---

[1] Baronio, ann. 673, 4; Rodrigo Toledano, *De Rebus Hisp.*, liv. III, cap. 4.

pena maior que a de prisão perpetua para os que tinham sido mais culpados.

Chilperico II, rei de França, julgando que esta era a occasião propicia para tornar-se senhor da Gallia góthica, saíu com um numeroso exército para a devastar; quando porém soube que Vamba triumphara dos rebeldes desistíu da empreza e retrocedeu, antes mesmo de ter chegado aos confins dos seus Estados [1].

Vamba, tendo pacificado todo o reino, regressou a Toledo. Principiou então a occupar-se de fortificar esta sua capital por fóra das muralhas que já existíam do tempo dos romanos, dando assim maior área á cidade. O resto dos ocios que elle soube conquistar, dedicou-o aos cuidados da administração, e convocou um concilio, que foi o primeiro que se celebrou em Espanha depois do último que nella houvera dezoito annos antes. Neste concilio, o undécimo toledano, decretou-se que todos os annos o rei, ou o metropolitano, convocasse uma de essas assembleias em que, a par das cousas da religião se fôsse estatuíndo sobre o que convinha á administração e á politica do Estado.

No quarto anno do reinado de Vamba houve um concilio em Braga, tambem por

[1] MARIANA, *Hist.*, liv. VI, cap. 13.

elle convocado, e de este convém tomar nota, pois o fim principal da convocação tinha por objecto acabar de vez com os abusos que se vinham dando na Egreja de todo o antigo reino suevo, onde muitos sacerdotes celebravam a missa com leite em vez de vinho, ou com mosto [1], dando a communhão com pão molhado no vinho, sendo tambem muito usual que empregassem os vasos sagrados no serviço doméstico. Tambem era então costume que os bispos de esta região trouxessem pendentes do pescoço as reliquias dos santos das suas egrejas e que se fizessem levar em andas pelos diáconos [2]. Todos estes abusos foram reprimidos e muito asperamente censurados por Vela, bispo britaniense (hoje Mondoñedo), como sendo mais communs na parte da Galliza situada á esquerda do rio Minho (anno 674).

Vimos num dos capítulos precedentes que o elemento árabe já então tinha tomado grande desenvolvimento na Mauritania. Os visigodos, pela sua parte, tambem tinham, pelo menos na costa de aquelle paiz, alguns presidios, o que estabelecía entre as duas raças o conseqüente antagonismo. A rivalidade chegou a

---

[1] *Concil. Bracarense*, III, cap. 2.

[2] *Concil. Bracarense*, III, cap. 6.

ponto de Vamba ter de repellir no estreito de Gibraltar, com muita felicidade pelo menos, uma invasão de musulmanos que com duzentos e setenta navios se dirigía á Espanha [1], sendo esta a primeira batalha naval espanhola de que fazem menção as chrónicas peninsulares.

Com o feito que acabamos de relatar findam as façanhas e a historia do último grande rei que tiveram os visigodos. Do que, no successivo a estes acontecimentos, respeita a Vamba, são muito contradictorias as narrativas. Uns dizem que o rei, velho, doente e alquebrado, desistíu voluntariamente da chefatura da nação para nella fazer investir a Flavio Ervigio, que muitos suppunham descendente de Chindasvinto; dizem outros — e talvez seja essa a opinião que se deva seguir — que Ervigio, impaciente por vêr-se elevar á suprema auctoridade, obrigou o velho rei com ameaças e más artes a abdicar em seu favor e a envergar o hábito monacal [2].

---

[1] Baronio, *Ann.* 675, 7.

[2] Mariana, *Hist.*, liv. vi, cap. 14; Jeronymo Higuera, *Notae ad Chronicon Luitprandi;* Baronio, *Ann.* 680, 56.

CAPÍTULO XXI

REINADO DE ERVIGIO

Ervigio, ao sentar-se no throno, não foi alvo das acclamações populares, porque o povo tinha ainda presente a rectidão com que Vamba administrara a justiça, a prudencia com que governara, e a coragem com que guiara o exército á victoria — predicados, todos esses, com que dera grande esplendor á coroa. Em contra, esse mesmo povo não vía com bons olhos o novo rei, pois sussurrava-se que este devía a realeza á astucia, e talvez até ao crime.

Esta má disposição dos ânimos não passou despercebida a Ervigio, que chegou a recear pela segurança da sua coroa. Isto decidíu-o a arrostar por tudo, e assim, logo no primeiro anno do seu reinado (681) convocou o duodécimo concilio de Toledo para intentar que este o confirmasse no solio em que não se vía bem assente.

Alguns amigos do rei oppunham-se a esta convocação ponderando-lhe que em vista de

elle se achar na posse do throno não devía tornar duvidoso o seu direito, remettendo-o á approvação dos padres. Expunham-lhe tambem a possibilidade de Vamba querer fazer-se ouvir no concilio, e que, arrependido de ter abdicado, imputasse essa abdicação á coacção de Ervigio. Por último, e como argumento decisivo, demonstravam-lhe que elle ía assim confessar que só poucos direitos sabía ter á corôa, o que não deixaría certamente de influir em Theodofredo, descendente de Recaredo pela linha masculina, para este vir fazer valer os seus como melhores. Havía ademais a temer que no concilio houvesse prelados movidos por interesses oppostos, e facções em que ninguem se podía fiar, salientando entre todos os proprios ministros, os quais, ainda que em palacio se mostrassem domésticos, poderíam no concilio arvorar-se em juizes, por haver entre elles alguns que tudo o devíam a Vamba. Emquanto á aversão que o povo lhe testemunhava, dizíam-lhe que essa facilmente se mudaría em affeição se elle se mostrasse munificente e bom governador [1].

Nenhuma de estas razões impediram Ervigio de convocar o concilio que lhe devía assegurar ou arrancar a coroa. Compareceu portanto

---

[1] Saavedra Faxardo, *Coron. Got.*, cap. 27.

ante os prelados e os grandes da nação, aos quais, depois de um discurso adequado ao acto [1], apresentou trez documentos: o primeiro assignado pelos grandes e pelos officiais de Palacio, dava fé que perante elles tinha Vamba recebido o hábito de religioso e sido tonsurado [2]; o segundo era a propria cessão que Vamba fizera em seu favor; o terceiro a ordem que Vamba dera por escripto ao bispo de Toledo para que o ungisse a elle, Ervigio, e o sagrasse rei dos visigodos.

Logo que os prelados viram e examinaram estes documentos deram por boa, válida e legítima a successão [3].

Ao ver-se rei incontestado da Península e de Gallia góthica, Ervigio não mais pensou senão em disfructar no ocio e na paz a grandeza e os bens que obtivera. De quando em quando ainda um vislumbre de energía o animava, mas os cuidados da governação eram-lhe excessivamente pesados, e em vez de se occupar directamente de elles preferíu convocar os concilios XIII e XIV de Toledo, deixando ao arbitrio dos padres e dos grandes

---

[1] *Concilios Toledanos*, 12.

[2] Circumstancia que para sempre o inhibía de tornar a ser rei.

[3] *Concilios Toledanos*, 12, can. I.

a sorte do povo e da nação. Foi de este modo que muitas das sabias leis que Vamba estatuira foram derogadas por outras que melhor convinham aos interesses dos dirigentes, e que muitos dos membros da nobreza implicados na rebéllião de Paulo Homem conseguiram não só ser perdoados, mas até recompensados por nella terem tomado parte.

Ervigio, para assegurar a fortuna dos seus, casou Cigilona, sua filha, com Egica, sobrinho de Vamba, ao ver que era este principe o que, entre todos, tinha mais probabilidades de empunhar o sceptro. Foi este o seu último acto político, pois a morte o surprehendeu em Toledo em 687, ao cabo de sete annos de inglorio e pernicioso reinado.

CAPÍTULO XXII

REINADOS DE EGICA E DE VITIZA

Flavio Egica reinou de 687 a 701. Principiou por restituir aos parentes e partidarios de Vamba o que o seu predecessor lhes tinha tirado, attraindo sobre sí, com este acto de justiça, a inimizade de quantos tinham sido contemplados por Ervigio. De aquí resultaram tramas e sedições que Egica difficilmente podería debellar se o clero, em troca das maiores concessões, lhe não prestasse decidido apoio.

Logo no primeiro anno do seu reinado, e no mesmo concilio em que a corôa lhe foi reconhecida, se ordenou a perseguição aos judeus que tinham tido artes para evitar as anteriores, uns occultando-se, outros sujeitando-se ao baptismo que lhes impunham. Estas perseguições, como desde logo se entende, tinham por base principal a confiscação dos bens, com a qual lucravam muito mais a nobreza e as congregações religiosas que dominavam no territorio em que ella se exercía do que o fisco

ou a realeza. Esta perseguição tornou-se mais notável do que outra qualquer, porque de uma das medidas que nella se adoptou é que resultou a denominação de *christãos velhos* e de *christãos novos* que, ainda que já quasi imperceptíveis, conserva vestigios em Portugal, mórmente para os lados da Covilhã, de Vizeu, etc. Consistíu esta medida em ordenar que todos os judeus menores de sete annos fossem arrancados aos pais, educados na religião christã, e, a seu tempo, que os casassem com christãos.

Além do concilio XV, que foi aquelle de que acabamos de nos occupar, Egica convocou os concilios XVI e XVII de Toledo, e ainda outro em Saragoça. Estes concilios occuparam-se muito menos de aquillo que á nação convinha que de sanccionar com a auctorização ecclesiástica quanto contribuíu para cavar a ruina da monarchía visigóthica [1].

Prevendo que os actos do seu reinado não só lhe tornaríam ignominiosa a memoria mas impediríam que a corôa fosse dada a seu filho Vitiza, nomeou-o em vida seu companheiro no throno e entregou-lhe o governo do antigo

---

[1] JOÃO MAGNO, *Goth. Hist.*, liv. XVI, cap. 24.

reino dos suevos, cuja capital foi então removida de Braga para Tuy [1].

Ignora-se se Egica morreu tranquillo ou se foi víctima das ambições que se degladiavam na Península; o que se sabe é que Vitiza, seu filho, conseguíu succeder-lhe, e que o reinado de este se exerceu de 701 até 711.

Se Egica deu profundo golpe para activar a ruína da monarchía, Vitiza contribuíu poderosamente para a levar a cabo. Não houve crime que não commettesse nem loucura que não praticasse.

Nas suas desordens foi grandemente auxiliado pela nobreza e pelo clero: aquella esmagando o povo com exacções; este caindo na mais destemperada revolta, pois até contra o papado se insurgíu, chegando a declarar-se independente da santa-sé, e prohibindo que a ella se recorresse das suas decisões.

Vitiza, vendo o descontentamento do povo, e tambem o de uma grande parte do clero, pois o metropolita de Sevilha, entre outros, ficara obediente ao papa, Vitiza, dizemos, temendo que o expulsassem do throno, mandou matar todos os membros da familia de Vamba e de Theodoredo. De esta hecatombe salvaram-se apenas dois individuos, Rodrigo

---

[1] RODRIGO TOLEDANO, *De Reb. hisp.*, liv. III, cap. 15.

e Pelayo, únicos que puderam pela fuga subtrair-se ao furor do malvado.

Este Rodrigo chamou a sí os descontentes, que eram muitos, e, com elles, poude organizar um exército com que iniciou a guerra civil. O resultado de esta lucta foi Vitiza cair em poder do seu inimigo, o qual, depois de lhe mandar arrancar os olhos, o encerrou numa prisão onde veio a morrer de miseria.

CAPÍTULO XXIII

REINADO DE RODRIGO. INVASÃO DOS ARABES. FIM DA MONARCHIA VISIGÓTHICA

Rodrigo — o Dom Rodrigo da Historia — era filho de Theodofredo, duque de Córdova, e como tal descendente dos reis visigodos da familia dos Balthos. Tendo escapado pela fuga ao morticinio que Vitiza mandara fazer de todos os parentes dos antigos reis, conseguíu sentar-se pela força das armas [1] no throno dos seus antepassados, depois de vingar em Vitiza a morte que este fizera dar a seu pai. Alguns escriptores pretendem que o advento de Rodrigo foi devido a eleição [2], mas esse ponto, como muitos outros de esta época, é difficil de descriminar, pois a fábula e a realidade estão de tal modo enlaçadas nos escritos que se referem a este tempo que só dos factos principais é que se pode fazer menção, mais

---

[1] RODRIGO TOLEDANO, *De Rebus Hisp.* liv. III, cap. 18, LUILPRANDO, *Chron.* ann. 711.

[2] SEBASTIÃO SALMATICENSE. *Chron.*

pelas conseqüencias que trouxeram, e que são conhecidas, que pelo do que a seu respeito se escreveu.

Seja porém como fôr, pela força ou pela eleição, o caso é que o throno em que Rodrigo ía sentar-se não era um solio muito invejável: em primeiro logar porque o reino estava arruinado; em segundo logar, sobretudo, porque os visigodos, pervertidos pelo ocio, já não podiam atacar nem defender-se. Era uma nação entrada na agonía, um povo perdido, que de ahí a pouco ía submergir-se no desastre do Guadalete.

Como este desastre é o ponto capital da historia do rei Rodrigo, lançaremos mão da versão que mais fundamentos de verdade apresenta para lhe estudarmos as causas.

Rodrigo, mais humano para com os descendentes de Vitiza do que este o fôra para com os seus parentes, contentou-se com expulsar da Península os dois filhos de aquelle rei: Evan e Sisebuto.

Estes dirigiram-se a Tanger, onde demoraram, e onde iniciaram relações secretas com Oppas, seu tío, que era ou pretendera ser arcebispo de Toledo. Nestas relações eram favorecidos pelo conde Requila, governador daquella praça desde o reinado de Vitiza, que lhe fôra protector. Como se sabe, tanto

Tanger, como Ceuta e Arzila, estavam sob o dominio dos visigodos, e constituíam a chamada Mauritania tingitana, que tinha por governador geral o conde Julião, senhor de Consuegra e Algeciras, o qual gozava honras de *espatario,* ou seja de capitão da guarda real, o que, entre os visigodos, constituía uma das maiores e mais invejadas dignidades militares.

Este conde tinha uma filha chamada Florinda, a qual, como todos os filhos dos grandes dignatarios que se achavam longe da côrte no desempenho de alguma missão, vivía no palacio do rei, quando este permanecía quieto, ou acompanhava a côrte para onde elle ía. Foi numa de estas excursões que o rei Ramiro, ao regressar de Pancorvo á capital, violentou a filha do conde Julião. Quer a donzella se queixasse, quer fôsse de qualquer outro modo, o facto chegou ao conhecimento de Oppas, que logo poz os sobrinhos ao corrente do escândalo, com recommendação de o communicarem a Requila, na persuasão de que este não deixaría de tornar o conde Julião sabedor do caso. As cousas passaram-se como Oppas tinha previsto, e o pai da victima jurou vingar-se.

Essa vingança tinha porém de tirar-se de um rei, o que exigía mais astucia que preci-

pitação. O conde Julião principiou por pretextar negocios na côrte, e pedíu a Rodrigo que o chamasse a ella durante algum tempo. Foi-lhe concedida a licença, e desde que o conde chegou a Toledo principiou a insinuar-se no ânimo do rei, a ponto de este ao cabo de poucos días, não fazer nada sem consultar o mascarado inimigo. O conde aproveitou este valimento para induzir o soberano a actos que pudessem originar o maior número possivel de descontentes: os homens de valor foram afastados do soberano e substituidos por inhábeis ambiciosos; os bons serviços receberam o cunho da suspeição, e deu-se apreço á nullidade; a confusão e a desórdem foram levadas a todas partes, ficando os presidios sem mantimentos, os portos sem vigilancia, a provincia sem soldados e o erario sem dinheiro. Nunca se tinha comprovado como então se comprovou que é facil levar a cabo uma desorganisação em muito pouco tempo. Tudo isto porém não era sufficiente ao irritado conde: na Península ficava ainda um exército disseminado por varias partes, que num dado momento podía ser reunido e apresentar opposição ao terrível plano que Julião forjara. Rodrigo foi aconselhado, como medida económica, a mandar esse exército para a África, onde, sob o commando de elle,

governador, iría recuar os limites da Mauritania tingitana por terra dentro dos árabes. Agradou a Rodrigo tal proposta, e vendo que a paz estava assegurada no interior, não hesitou em entregar ao conde Julião as melhores armas e cavallos que consigo quiz levar — as únicas que na Península teríam podido defender Rodrigo do trama planeado.

Chegado a Tanger, o conde internou o exército, para que este o não molestasse, e attraindo a sí os filhos de Vitiza, foi com elles contar a Musa, emir da África, a offensa que lhe fizera Rodrigo, e ao mesmo tempo pedir-lhe auxilio para repôr no throno o filho do rei precedente, em nome do qual lhe offereceu tornar a Península tributaria do miralmuminim ou califa de Bagdad.

Como é facil de suppôr, agradou a Musa a proposta do conde, se bem lhe parecía excessiva fortuna quanto se lhe offerecía. Á vista porém dos refens que o conde propunha — sua propria mulher e sua filha — as dúvidas do emir dissiparam-se, e logo expedíu para Bagdad emissarios encarregados de encarecer ao chefe dos musulmanos as vantagens de tal expedição. Não deixou o califa de auctorizar Musa a obrar como melhor entendesse, e este encarregou sem demora Tarik-ibn-Zeyad de conduzir o exército expedicionario á Penín-

sula. Este exército, composto apenas de doze mil homens, conduzido em navíos mercantes para não despertar suspeitas, desembarcou na praia do monte Calpe, a que os árabes logo deram o nome do seu chefe *Djebel-al-Tarik,* monte de Tarik, de que fizémos *Gibraltar.*

Rodrigo, occupado a debellar uma rebellião dos vasconios, quando recebeu a noticia do ataque, encarregou o godo Theodomiro de defender a entrada da Península, e, reunindo quanto exército poude, veio a marchas forçadas para as costas do estreito. Não chegou a ellas, pois nas margens do Guadalete, o antigo *Chryssus,* teve de defrontar-se com a expedição árabe que principiava a ír terra adentro, e alli, na nefasta data de 26 de julho de 711 foram os godos esmagados pelo general musulmano.

Rodrigo, desappareceu na occasião em que víu a derrota dos seus, e com o seu desapparecimento terminou na Península a dominação visigóthica.

Dos successos occurridos entre este facto e a instituição do condado portucalense occupar-nos-emos noutro volume.

INDICE